



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

FILOSOFIA - LICENCIATURA

**A RELAÇÃO MENTE-CORPO
DE HOMERO, PASSANDO POR DESCARTES,
A FILOSOFIA DA MENTE ATÉ A NEUROPSICANÁLISE**

CLAUDETE CONCEIÇÃO DE ABREU

Foz do Iguaçu
2023



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

FILOSOFIA - LICENCIATURA

**A RELAÇÃO MENTE-CORPO
DE HOMERO, PASSANDO POR DESCARTES,
A FILOSOFIA DA MENTE ATÉ A NEUROPSICANÁLISE**

CLAUDETE CONCEIÇÃO DE ABREU

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Filosofia

Orientador: Prof.Dr. Napoleão Schoeller de Azevedo Junior.

Foz do Iguaçu
2023

CLAUDETE CONCEIÇÃO DE ABREU

A RELAÇÃO MENTE-CORPO
DE HOMERO, PASSANDO POR DESCARTES,
A FILOSOFIA DA MENTE ATÉ A NEUROPSICANÁLISE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Napoleão Schoeller de Azevedo Junior.
UNILA

Prof. Dr. Gonzalo Montenegro Vargas
UNILA

Prof^a. Dr^a Ana Carolina Acom
UNIOESTE

Foz do Iguaçu, 15 de março de 2023

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Claudete Conceição de Abreu

Curso: Licenciatura em Filosofia

Tipo de Documento	
<input checked="" type="checkbox"/> graduação	<input type="checkbox"/> artigo
<input type="checkbox"/> especialização	<input checked="" type="checkbox"/> trabalho de conclusão de curso
<input type="checkbox"/> mestrado	<input type="checkbox"/> monografia
<input type="checkbox"/> doutorado	<input type="checkbox"/> dissertação
	<input type="checkbox"/> tese
	<input type="checkbox"/> CD/DVD – obras audiovisuais
	<input type="checkbox"/> _____

Título do trabalho acadêmico: A relação mente-corpo - de Homero, passando por Descartes, a Filosofia da Mente até a Neuropsicanálise

Nome do orientador(a): Napoleão Schoeller de Azevedo Junior.

Data da Defesa: 15 / 03 / 2023

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a): Claudete Conceição de Abreu

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, 15 de março de 2023.

Assinatura do Responsável

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, meu marido e meu filho, principalmente, pelo apoio e paciência com minha inquietação e constante busca pelo saber.

Agradeço a todos que de forma direta e indireta contribuíram para enriquecedoras reflexões ao longo de todo o curso de Licenciatura em Filosofia.

Aos professores, coordenadores, servidores e colegas de curso, muito obrigada a todos por todas as trocas que, com certeza contribuíram para o meu crescimento.

Agradeço, especialmente, aos Professores Dr. Napoleão Schoeller de Azevedo Junior, meu orientador, Dr. Gonzalo Montenegro Vargas, Dr^a Ana Carolina Acom, pelas excelentes contribuições e observações ao meu trabalho, na banca de Defesa.

O desejo é a própria essência do homem, ou seja, o esforço pelo qual o homem se esforça por perseverar em seu ser.

Baruch Spinoza

RESUMO

A RELAÇÃO MENTE-CORPO DE HOMERO, PASSANDO POR DESCARTES, A FILOSOFIA DA MENTE ATÉ A NEUROPSICANÁLISE

O ponto central da discussão sobre a relação Mente-Corpo na Filosofia da Mente é Descartes, mas, neste trabalho foi buscado entender de que maneira essa relação é descrita nos relatos e reflexões sobre a mente, anteriores a Descartes. Partindo do momento anterior à Filosofia, nos escritos Homéricos, seguindo pelos Pré-Socráticos, que buscavam entender a origem do pensamento no homem; Platão e Aristóteles com as tripartições da Alma/Mente, para, então, através da análise das Meditações de Descartes observar a descrição do postulado da cisão na relação Mente-Corpo, realizada por Descartes e, buscando entender as consequências desse postulado, analisar a contraposição de Spinoza sobre a relação Mente-Corpo. Spinoza demonstra em sua reflexão um caminho de maior materialidade da Mente para os estudos da mente contemporâneos. Passa-se então a descrição do funcionalismo na Filosofia da Mente, a Psicanálise e o pensamento de Freud e da Neuropsicanálise, ciência atual que busca convergir a psicanálise e a neurociência. Neste percurso é possível observar que a conceituação da mente, dos estados mentais e a relação mente-corpo, parte de uma dispersão que fragmenta os estados mentais em partes do corpo do guerreiro homérico, passando por períodos em que é realizado uma espiritualização da mente em contraposição com a busca da materialidade da ciência sobre a mente. No transcurso, também, estão implícitos grandes questionamentos dos estudos da Mente, como por exemplo: Como a Mente e o Corpo se relacionam? O que é a Mente? O que é a consciência? A Mente é física? A Mente é o mesmo que a Alma? O que são os processos mentais? Onde e como ocorre o pensamento? O que é a racionalidade?

Palavras-chave: Filosofia da Mente; relação Mente-Corpo; Descartes; Spinoza; Neuropsicanálise.

RESUMEN

LA RELACIÓN MENTE-CUERPO DESDE HOMERO A DESCARTES, LA FILOSOFÍA DE LA MENTE AL NEUROPSICOANÁLISIS

El punto central de la discusión sobre la relación Mente-Cuerpo en la Filosofía de la Mente es Descartes, pero en este trabajo buscamos comprender cómo esta relación fue pensada en los relatos y reflexiones sobre la mente, anteriores a Descartes, a partir del periodo antes de la Filosofía, en los escritos homéricos, seguido de los presocráticos con el origen del pensamiento en el hombre; Platón y Aristóteles con las triparticiones Alma/Mente, para luego, a través del análisis de las Meditaciones de Descartes, describir el postulado de la escisión en la relación Mente-Cuerpo y, buscando comprender las consecuencias de este postulado, analizamos la oposición de Spinoza a esta relación, que servirá de soporte para un camino de mayor materialidad de la Mente en los estudios de la mente contemporáneos. Luego, la descripción del funcionalismo en la Filosofía de la Mente, el Psicoanálisis y el pensamiento de Freud y el Neuropsicoanálisis, ciencia actual que busca hacer converger el psicoanálisis y la neurociencia. En este curso es posible observar que la conceptualización de la mente, de los estados mentales y de la relación mente-cuerpo, parte de una dispersión que fragmenta los estados mentales en partes del cuerpo del guerrero homérico, pasando por períodos en los que se realiza una espiritualización de la mente en contraposición a la búsqueda de la materialidad de la ciencia sobre la mente. En el curso también se encuentran implícitos grandes interrogantes de los estudios de la Mente, tales como: ¿Cómo se relacionan la Mente y el Cuerpo? ¿Qué es la mente? ¿Qué es la conciencia? ¿La Mente es física? ¿Es la Mente lo mismo que el Alma? ¿Qué son los procesos mentales? ¿Dónde y cómo ocurre el pensamiento? ¿Qué es la racionalidad?

Palabras clave: Filosofía de la Mente; relación Mente-Cuerpo; Descartes; Spinoza; Neuropsicoanálisis.

ABSTRACT

THE MIND-BODY RELATIONSHIP FROM HOMER, THROUGH DESCARTES, THE PHILOSOPHY OF THE MIND TO NEUROPSYCHOANALYSIS

The central point of the discussion about the Mind-Body relationship in the Philosophy of Mind is Descartes, but in this work we sought to understand how this relationship was thought in the reports and reflections on the mind, prior to Descartes, starting from the moment before Philosophy, in the Homeric writings, followed by the Pre-Socratics with the origin of thought in man; Plato and Aristotle with the Soul/Mind tripartitions, and then, through the analysis of Descartes' Meditations, describe the postulate of the split in the Mind-Body relationship and, seeking to understand the consequences of this postulate, we analyze Spinoza's opposition to this relationship, which will serve as support for a path of greater materiality of the Mind in contemporary mind studies. Then, the description of functionalism in the Philosophy of Mind, Psychoanalysis and the thought of Freud and Neuropsychanalysis, current science that seeks to converge psychoanalysis and neuroscience. In this course it is possible to observe that the conceptualization of the mind, of the mental states and the mind-body relationship, starts from a dispersion that fragments the mental states in parts of the body of the Homeric warrior, passing through periods in which a spiritualization of the mind is carried out in contrast with the search for the materiality of science on the mind. In the course, there are also implicit great questions of the studies of the Mind, such as: How are the Mind and the Body related? What is the Mind? What is conscience? Is the Mind physical? Is the Mind the same as the Soul? What are mental processes? Where and how does thinking occur? What is rationality?

Key words: Philosophy of mind; Mind-Body relationship; Descartes; Spinoza; Neuropsychanalysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 A RELAÇÃO MENTE-CORPO NO PENSAMENTO DA FILOSOFIA ANTIGA- HOMERO, OS PRÉ-SOCRÁTICOS E HIPÓCRATES.....	18
2.1. A MENTE NAS NARRATIVAS HOMÉRICAS.....	18
2.2 OS FISCALISTAS PRÉ-SOCRÁTICOS.....	21
2.3 HIPÓCRATES E A AFIRMAÇÃO DO CÉREBRO.....	23
3. A TRIPARTIÇÃO DA ALMA NA FILOSOFIA CLÁSSICA - PLATÃO E ARISTÓTELES.....	26
3.1 PLATÃO E A RAZÃO DA ALMA.....	26
3.2 ARISTÓTELES E A ALMA COMO ORIGEM DO PENSAMENTO.....	30
4 RES-EXTENSA E RES-COGITANS A ORBITA DO PENSAMENTO MODERNO - DESCARTES E SPINOZA.....	37
4.1 A CISÃO ENTRE MENTE E CORPO NO PENSAMENTO DE DESCARTES.....	38
4.2 MENTE-CORPO UM INDIVÍDUO EM SPINOZA.....	46
5 FILOSOFIA DA MENTE E NEUROPSICANÁLISE ONDE SE ENCONTRAM?.....	52
5.1 FREUD - O SINTOMA E A MENTE.....	53
5.1 A FILOSOFIA DA MENTE E A NEUROPSICANÁLISE.....	57
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS.....	66

1 INTRODUÇÃO

Antes do questionamento acerca da relação mente-corpo está o questionamento: O que é a mente? Os questionamentos sobre a mente sempre estiveram presentes na história do homem e as definições ou conceituações sobre a mente, o pensamento, a consciência estão intimamente ligadas às concepções de cada época, que, também, buscam responder o que é o homem e o que é o mundo.

Um dos grandes pontos de divergência sobre a mente humana é o problema da relação Mente-Corpo. Este ponto de divergência é composto por um conjunto de questionamentos, que podem ser exemplificados: A mente é física? A mente faz parte do corpo? Mente e Corpo são substâncias distintas? Se mente e corpo são substâncias distintas, como se relacionam?

No momento contemporâneo esses questionamentos encontram-se no campo da Filosofia da Mente, mas, são questões que estiveram presentes no pensamento filosófico, em muitos períodos da história da filosofia. Por isso, neste trabalho buscou-se na história da filosofia como essas questões foram apresentadas. Realizando um percurso que inicia, antes da filosofia, nos escritos homéricos, passando pelos primeiros filósofos, os pré-Socráticos, a filosofia moderna até a contemporaneidade em que os estudos da mente fazem parte dos estudos da filosofia da mente, da neurociência, da psicanálise e da neuropsicanálise, além de alguns outros campos, como fisiologia, biologia, etc.

Na reflexão aqui apresentada, evitou-se alguns pensadores ou correntes filosóficas, primeiro pela grande quantidade de materiais possíveis para esse estudo, também, por se acreditar que, muitos, não iriam contribuir para a construção do percurso que se pretendeu aqui apresentar. Por isso, fez-se a seleção que aqui se apresenta. É possível argumentar por cada pensador aqui apresentado, mas, não por todos os que não estão presentes.

Dentro da Filosofia da mente quando se fala da reflexão sobre a relação mente-corpo, quase sempre, a problematização parte do pensamento de Descartes, mas, aqui buscou-se, primeiro, sondar como a relação mente-corpo foi pensada, na história do pensamento, antes de Descartes, até a construção teórica do Cartesiano e as posteriores consequências das divergências anteriores e posteriores ao pensamento de Descartes.

O objetivo geral é apresentar um percurso para a reflexão sobre a mente, que tem como ponto central a relação mente-corpo. Este percurso não se postula como

único, mas é produzido por uma linha histórica na filosofia. Observando como algumas visões sobre a mente e sobre a relação Mente-Corpo se apresentam até Descartes. Quais foram os reflexos do pensamento, de Descartes e de seus opositores, nos estudos da Mente, não só na Filosofia da Mente, que vai mostrar a problematização da relação Mente-Corpo, mas nos atuais estudos da Mente, incluindo assim a psicanálise e a Neuropsicanálise.

Neste percurso é possível observar que a conceituação da mente, dos estados mentais e a relação mente-corpo, parte de uma dispersão que fragmenta os estados mentais em partes do corpo do guerreiro homérico, passando por períodos em que é realizada uma espiritualização da mente em contraposição com a busca da materialidade da ciência sobre a mente.

A reflexão aqui apresentada foi dividida em cinco capítulos. Em cada um desses capítulos buscou-se delimitar a reflexão dentro de um certo período histórico. Com isso é possível perceber como um período serve de base para a revisão ou crítica na construção do pensamento posterior.

O primeiro Capítulo intitulado: *A relação Mente-Corpo no Pensamento da Filosofia Antiga - Homero, os Pré-Socráticos e Hipócrates*. Esse Capítulo é subdividido em três partes. A primeira parte intitulada: *A Mente nas Narrativas Homéricas*, apresenta alguns fragmentos de textos de Homero, em que é possível, primeiro, visualizar as descrições dos corpos dos guerreiros, nas quais se busca constatar demonstrações de alguns conhecimentos sobre os corpos, principalmente, nas formas de ferir o inimigo. Além da busca de entender onde e de que forma o pensamento desse período entendia a Mente, qual seria a conceituação, materialidade ou espiritualidade da mente e sua conexão com o corpo.

Nessa parte deste primeiro Capítulo, com o intuito de buscar esse entendimento foi construído um quadro com termos utilizados por Reale (2002), no qual é visto que o que identificamos hoje em dia como funções mentais aparece fragmentado e localizado em várias partes do corpo do guerreiro. Um exemplo é o que se refere ao termo *Thymus*, que estaria associado ao estado de ânimo, impulsionador do movimento e ligado a emoções e a motivação, além de conhecimento imediato utilizado para a ação, que se localizaria na região do peito. Assim como, estariam localizadas várias pulsões ligadas a pensamentos, sentimentos e emoções pelo corpo do guerreiro de Homero.

Algumas das visões sobre as funções mentais observadas nos textos de Homero, como a associação de sentimentos e emoções ligadas ao coração, por exemplo,

que para nossos olhos, localizados no tempo presente, podem nos parecer licença poética, irá se revelar, seriamente, persistente no período e em períodos posteriores. E, neste período, segundo Castro e Fernandes (2011), citando Reale (2002) e Snell (2001), nos textos de Homero não há um termo específico para conceituar a mente ou o que chamamos de funções mentais.

A parte dois do primeiro capítulo intitulada: *Os Fisicalistas Pré-Socráticos*, busca entender a relação mente-corpo na história do pensamento dos pré-socráticos. É nesse período que a história da filosofia considera que surgem os primeiros filósofos.

Nas descrições aqui realizadas sobre os relatos do período não foi estabelecida uma análise da relação mente-corpo, mas, buscou-se o que ou como era vista a produção do pensamento e encontrou-se que o que defendiam como sendo a essência, ou princípio de tudo era também de onde provinha o pensamento. Sendo assim, para Tales de Mileto (624 - 546 a.C.)¹ a água ou a umidade, para Anaxímenes (588 - 524 a.C) o ar e Diógenes de Apolônia (499 - 428 a.C), concordando com Anaxímenes, o ar misturado com o sangue é que produz o pensamento. Diógenes considerava que a sede do pensamento era o cérebro, descrevendo que, através da respiração, o ar iria para o cérebro e deixaria lá suas melhores partes, produzindo assim o raciocínio.

Nesse período existe uma divergência sobre se o pensamento ocorreria no cérebro ou no coração, uma vez que, enquanto Diógenes defende que o pensamento ocorre no cérebro, para Empédocles (495 a.C. - 430 a.C.), o pensamento ocorre no coração, pela participação importante do sangue e na grande importância do coração na distribuição do sangue, por todo o corpo, além da localização central do órgão no corpo, o coração era defendido, por muitos, como o órgão no qual ocorreria o pensamento.

Alcmeon (510a.C - Ind) terá grande importância no pensamento que defende o protagonismo do cérebro, ele será, também, o primeiro a postular as diferenças entre homens e animais quanto a percepção e a racionalidade, questão que terá grande importância na construção do pensamento dualista futuramente.

A terceira parte deste capítulo: *Hipócrates e a Afirmação do Cérebro*, vai apresentar as teorias de *Hipócrates* (460 a.C - 377 a.C) sobre a relação mente-corpo. Hipócrates ocupa um espaço de grande destaque para essa reflexão, pois seu pensamento irá servir de base para a medicina, inclusive na atualidade. Hipócrates vai localizar todas as funções cerebrais, que conhecemos hoje, no cérebro, pensamentos, ânimo, emoções,

¹ As datas de nascimento e morte dos Pré-Socráticos são todas, ou quase todas, aproximações, recolhidas e interpretadas de citações de Filósofos posteriores que deixaram registros escritos de relatos orais (observações da autora do texto).

sentimentos, etc. Divergindo do pensamento observado nos escritos Homéricos, assim como por outros pensamentos da sua época e até de períodos posteriores.

Hipócrates apresenta uma melhor organização do pensamento em relação ao pensamento anterior e de alguns pré-socráticos. Hipócrates vai, também, esclarecer a importância de outros órgãos como pulmão e coração para o corpo e para o funcionamento do cérebro, deixando clara sua visão quanto à conexão entre mente-corpo. Mas não da mesma forma que os pensadores posteriores, até mesmo os modernos, pois, não aparece na pesquisa em relação a Hipócrates, algo que será bastante enfatizado por outros pensadores posteriores à discussão sobre a relação da mente com a alma ou a imortalidade da mente/alma.

No segundo Capítulo, intitulado: *A tripartição da Alma na Filosofia Clássica - Platão e Aristóteles*, surge uma descrição da mente ligada a Alma, o que poderíamos chamar de mente/alma. Apresentam-se neste Capítulo dois grandes da Filosofia Clássica, Platão e Aristóteles. Em cada um dos pensadores apresentados há uma tripartição da Alma e em ambos a mente racional está ligada a uma delas, mas não a todas ou ao conjunto das três.

Na primeira parte, intitulada *Platão e a Razão da Alma* é apresentado o pensamento dualista de Platão, que embora demonstre ter conhecido e tenha sido influenciado por Hipócrates e defendido a posição de que o cérebro é o órgão responsável pelo pensamento, irá construir um pensamento que irá dividir a alma, ou a mente, em três partes, em que duas partes estão ligadas ao corpóreo e uma parte incorpórea e assim estabelece a cisão entre mente e corpo, que perdura e ganha complexidade nas reflexões de seus sucessores.

Em Platão a alma é dividida em três partes, sendo duas localizadas no corpo e apenas uma localizada na mente, sendo essa última idêntica a intelectualidade e é a alma imortal. A mente incorpórea faz parte do mundo das formas, o mundo das ideias que irá permear toda a sua teoria, principalmente, sua teoria do conhecimento, em que a verdade, ou o conhecimento verdadeiro está no mundo das formas. No desenvolvimento dessa reflexão foi utilizado o Mito da Caverna de Platão, além de trechos do *Timeo*.

A segunda parte desse capítulo, intitulado: *Aristóteles e a Alma como origem do pensamento*, a análise é realizada, através de destaques da obra *De Anima*, a apresentação do pensamento de Aristóteles, que coloca a Alma como a sede do pensamento, mas não toda a alma, uma vez que ela é dividida em três partes: nutritiva, perceptiva e intelectiva e que a única parte da alma imperecível é a intelectiva, sendo essa

parte da alma totalmente desconectada do corpo, ou com possibilidade de desconectar-se do corpo. Mas, não se estabelece, neste trabalho, uma resposta definitiva quanto à relação mente-corpo no pensamento de Aristóteles apresentado no *De Anima*, uma vez que, por advertência da tradutora e comentadora da obra analisada, Maria Cecília Gomes dos Reis (2006), não há um consenso quanto ao pensamento de Aristóteles sobre a, suposta, desconexão, entre mente e corpo, e, também, pela denunciada apropriação de tradutores, ao longo da história, do pensamento do filósofo, com consequências de distorções produzidas por conveniência.

O Terceiro Capítulo intitulado: *Res-Extensa e Res-Cogitans a órbita do pensamento moderno - Descartes e Spinoza*. Neste capítulo é destacado o pensamento moderno de dois racionalistas, Descartes e Spinoza, o primeiro, o mais citado, tanto quando se fala de racionalismo, quanto quando se fala da relação mente-corpo, no campo da Filosofia da Mente. Descartes é o ícone do dualismo mente-corpo e Spinoza participa do mesmo período histórico e é um dos seus maiores admiradores, mas, também um dos maiores críticos do seu dualismo.

A primeira parte deste capítulo está dedicada a Descartes, intitulado: *A cisão mente-corpo no pensamento de Descartes*. Após os grandes filósofos anteriores, descritos no Capítulo anterior, este capítulo entra no pensamento de Descartes, que é o filósofo mais citado quando se fala de dualismo mente-corpo na Filosofia da Mente, é o filósofo, que inaugura o pensamento moderno. Descartes apresenta uma cosmologia em que tudo se manifesta no mundo como substância extensa ou não extensa, *res-extensa* e *res-cogitans* e o homem seria composto por essas duas substâncias. Por meio da análise do livro *Meditações*, de Descartes, foi buscado identificar a demonstração desse pensamento e a confirmação da cisão mente-corpo. É possível detectar no texto de Descartes sua tentativa de demonstrar a independência e superioridade da mente sobre o corpo, mas, é possível perceber, também, algumas dificuldades do filósofo em demonstrar a efetividade dessa cisão, de forma clara e distinta, para usar os termos do próprio pensador.

A segunda parte é dedicada a Spinoza, intitulada: *Mente-Corpo um indivíduo em Spinoza*. Em que é apresentado a refutação ao pensamento dualista de Descartes realizado por Spinoza.

Spinoza vai partir para sua reflexão questionando a afirmação de Descartes de que o mundo seria a manifestação de duas substâncias, afirmando que, na verdade, existiria apenas uma substância, que é Deus, por isso única. Essa substância, segundo

Spinoza, se expressaria em infinitos atributos e esses em infinitos modos, sendo o homem um modo de expressão composto por dois atributos, a extensão e o pensamento. Spinoza irá advogar que, no homem, não há pensamento sem a extensão e que a Mente é uma ideia do corpo. O que se coloca radicalmente contrário à cisão de Descartes.

O Capítulo final está intitulado: *Filosofia da mente e a neuropsicanálise onde se encontram?* No qual busca-se analisar o reflexo das problematizações da filosofia da mente e, principalmente da relação mente-corpo nos estudos da mente atual, em especial, observando a psicanálise, o funcionalismo na doutrina da filosofia da mente e a neuropsicanálise.

A primeira subdivisão deste capítulo intitulado: *Freud - O sintoma e a mente*, é apresentado o pensamento de Freud, criador da psicanálise, que no início do século XX, vai teorizar sobre a psique humana, em que corpo e mente, são um indivíduo biopsicossocial influenciado e influenciando o desenvolvimento de sua espécie, que se desenvolve com base nas afecções sofridas por esse corpo no mundo, de acordo com seu tempo histórico e comunidade sociocultural.

Na seção seguinte, intitulada: *A Filosofia da Mente e a Neuropsicanálise*, é buscado mostrar como, hoje em dia, se encontram a Filosofia da mente, com foco no funcionalismo e a neuropsicanálise, em relação ao problema da relação mente-corpo e quais os pontos de intersecção, ou seja, a influência da reflexão de cada um dos campos no outro. Encontram-se reunidos reflexões da filosofia da mente, da psicanálise e da neurologia na neuropsicanálise e como campo de estudos da mente irá, também, ressoar no campo da filosofia da mente e na reflexão sobre a relação mente-corpo.

Ao final são expostos alguns apontamentos inconclusivos e questionamentos que ficam abertos sobre a reflexão apresentada, pois, existe, ainda, um vasto campo para investigação sobre o campo da Filosofia da mente, que é o estudo do ser humano em toda a sua complexidade e plasticidade.

2 A RELAÇÃO MENTE-CORPO NO PENSAMENTO DA FILOSOFIA ANTIGA- HOMERO, OS PRÉ-SOCRÁTICOS E HIPÓCRATES

A discussão sobre a relação Mente-Corpo presente na história do pensamento filosófico traz consigo vários conceitos que exprimem uma ideia de definição para o homem no mundo e uma configuração de mundo. Este Capítulo busca apresentar um recorte, composto por outros recortes, que direcionam para um objetivo, buscar entender de onde vem o tão mencionado, na Filosofia da Mente, dualismo da relação Mente-Corpo, por isso iniciamos por olhar para os escritos Homéricos, por serem os primeiros passíveis de análise.

O pensamento da filosofia antiga surpreende por sua complexidade e coerência e nesse recorte vemos um movimento que inicia descrito nos escritos homéricos, com uma fragmentação da alma/mente², que começa a se reunir ou na mente ou no coração, como local da mente/alma, até ser descrito de forma, surpreendentemente, científica por Hipócrates.

Esse primeiro Capítulo mostra conceituações sobre a mente partindo dos escritos homéricos em que é possível observar uma fragmentação do que se pode conceituar como mente, passando por uma busca do que seria a essência da mente nos pré-Socráticos e culmina com a demonstração de descrições que se aproximam do pensamento científico, em Hipócrates.

2.1. A MENTE NAS NARRATIVAS HOMÉRICAS

Nas narrativas homéricas buscou-se encontrar uma das primeiras visões sobre a relação entre corpo e alma, uma vez que não se encontra reflexões sobre a mente, sem associação com a alma. Muitos afirmam, acerca dessas narrativas, que a mente não se diferencia da alma:

² Nos escritos deste período não é possível falar de mente ou de alma como entidades distintas, os termos são equivalentes.

A noção homérica da *psyche* ou alma-sopro vital como uma imagem insubstancial do corpo, a que dá vida e ao qual sobrevive numa existência miserável e exangue no Hades, é por demais familiar para carecer de descrição neste lugar.(KIRKI, HAVEN,SCHOFIELD. 2010.p.2).

A Sociedade grega tinha um conhecimento relativo do funcionamento do corpo, é possível perceber nas narrativas homéricas que os guerreiros sabiam onde deveriam atingir o inimigo, em quais órgãos o ferimento poderia se tornar mortal. Isso demonstra um conhecimento relativo do corpo e uma visão do corpo como um instrumento funcional. Conhecimento esse utilizado como estratégia de batalha.

O grã rei jubiloso o exalta e gaba:
 “Conforme o coração, robustos fossem
 Teus joelhos, teu corpo! Inexorável
 Te consome velhice: oh! se ela em outrem
 Já carregasse, e remoçar pudesses!” (Elíada)
 [...]
 A destra mama atinge e lhe atravessa
 O ombro a lançada, que o rebolca e estende.
 Ao pé de úmido lago o choupo liso,
 Que a rama e o cimo exalta, o carpinteiro
 Talha a ferro aceirado, por que em rodas
 Curve-o de belo coche, e à beira o tronco Jaz do
 rio a secar;
 destarte o jovem,
 [...]
 De Ulisses, na virilha o dardo alcança;
 E Leuco, indo arrastando a Simoésio,
 Larga-o das mãos e dele a par descamba.
 Raivoso pelo amigo, em brilho aêneo,
 Se envia Ulisses às primeiras filas;
 Tem-se, os lumes rodeia, a lança brande.
 Afastaram-se os Teucros; mas o tiro
 Não se esgarrou, que a Democoonte fere,
 De Príamo bastardo, o qual de Abido

Frisões árdegos trouxe: a letal choupa
 As fontes passa; a vista se lhe entreva,
 [...]
 No tornozelo destro o aleija; o canto
 Os tendões ambos e ossos lhe esmigalha:
 A alma exalando, a bracejar aos Gregos,
 De costas cai; no umbigo a lança Piso
 Mete-lhe; os intestinos se derramam,
 Eterna escuridão lhe cobre os olhos.
 Toas Etólio ao matador se atira,
 Pela mama ao pulmão lhe enterra o bronze;
 Aproxima-se dele, e a válida hasta
 Lhe extrai dos peitos, puxa logo a espada,
 Que lhe traspassa o ventre e a vida rouba.
 [...]
 Do redil sai ovante e ensangüentado:
 Anda assim na baralha o cru Tidides.
 Na mama, de ênea ponta, encrava Astino;
 Do caudilho Hipenor descose à espada
 Pelo úmero a clavícula, e o despega
 Do pescoço e da pá.
 Deixa-os morrendo

Segundo Reale (2002) na Grécia do período Homérico, eram utilizados muitos termos distintos para se referirem ao corpo, quase sempre ligado ao funcionamento do instrumento corporal, como por exemplo³:

Termo	sentido	observação
<i>guya</i> ou <i>gvia</i>	membros em movimento	Braços e pernas

³ O quadro apresentado foi criado por mim, com termos, e a interpretação de definições, pinçados do Texto de Reale (2002) e de artigos científicos de outros autores, sendo que estes termos e interpretações são encontrados em diversas citações em diversos artigos científicos.

<i>melea</i>	membros que possuem força muscular	Braços e pernas
<i>demas</i>	estrutura , tamanho ou semelhança	
<i>Kradie, Ker e etor</i>	coração - sentimentos e afetos	Estes eram termos que se referiam a vida mental, também.
<i>Thymos</i>	Estado de ânimo, gerador do movimento e da ação - localizado no peito . -experiências mentais; suposição; intuição; conhecimento imediato com ligação afetiva; ligado a respiração; vida em sentido amplo.	Estes eram termos que se referiam a vida mental, também.
<i>Phren (phrenes - no plural)</i>	Localizado na região do diafragma - pensamento em ação - Juízo ou julgamento	Estes eram termos que se referiam a vida mental, também.
<i>nous</i>	Localizado no peito - responsável pelo pensamento mais abstrato; representações do mundo - se refere a razão, discernimento	Estes eram termos que se referiam a vida mental, também.
<i>Psyché</i>	“sopro da alma”, associado à respiração	Estes eram termos que se referiam a vida mental, também.

No quadro acima é válido observar que o que atribuímos a funções mentais, são vistos como localizados por diversas partes do corpo e até diversos órgão do corpo, como sentimentos e afetos ligados ao coração, ou suposição, intuição, conhecimento imediato com ligação afetiva localizado na região do peito, ou ainda, juízo ou julgamento na região do diafragma, assim como *nous*, que, segundo Reale (2001), aparece localizado na região do peito, responsável pelo pensamento mais abstrato, o que chamamos hoje de raciocínio.

Isso mostra que o conceito de mente é bastante difuso e que, o que chamamos hoje em dia, de funções mentais estão fragmentadas pelo corpo do guerreiro homérico. A conexão, que se faz subjetivamente, entre mente e alma, sendo a alma a entidade incorpórea que sobreviverá à morte do corpo, vai se mostrar, apenas no termo *psyché*. Essa relação, especificamente, entre alma e mente, não é tratada aqui com a profundidade que lhe cabe, pois exigiria um percurso de análise, um pouco diferente do

aqui proposto. Embora, não deixará de ser mencionado em todo o trabalho, a espiritualização da mente, se mantém na subjetividade dos homens, mas para não desvirtuar muito o caminho aqui proposto, seguiremos observando, a relação Mente/Corpo no momento posterior, com o surgimento da filosofia com os Pré-Socráticos.

2.2 OS FISCALISTAS PRÉ-SOCRÁTICOS

Snell (2001) irá descrever o pensamento pré-socrático, afirmando que nesse período o pensamento filosófico está voltado para a observação da natureza, a *physis*, na busca pela causa primeira da origem e ordenação da natureza. Nesse contexto, o homem é visto como regido pelos mesmos princípios ordenadores da natureza. Tales de Mileto (aproximadamente 585 a.c) será o primeiro a postular que a água é esse princípio ordenador da vida.

a importância de Tales advém sobretudo de ter afirmado que a água era a origem de todas as coisas. A água seria a *physis*, que, no vocabulário da época, abrangia tanto a acepção de "fonte originária" quanto a de "processo de surgimento e de desenvolvimento", correspondendo perfeitamente a "gênese". (SOUZA,1996. p19)

Para *Anaxímenes* (em torno de 560 a. C), o ar é o que compõe as almas e é o princípio ordenador de tudo que existe, além de ser a fonte do pensamento humano.

Para *Diógenes de Apolônia* (499 - 428), concordando com *Anaxímenes*, o ar misturado com o sangue é que produz o pensamento. Diógenes considerava que a sede do pensamento era o cérebro, descrevendo que, através da respiração, o ar iria para o cérebro e deixaria lá suas melhores partes, produzindo assim o raciocínio.

Empedocles de Agrigento (495 - 435 a. C), a natureza era composta por quatro elementos primordiais: água, fogo, terra e ar. Havia ainda dois outros princípios cosmogônicos: Amor e ódio. O amor seria responsável em promover a união entre os elementos primordiais, enquanto o Ódio, a separação deles. [...] a percepção aconteceria devido aos poros sensoriais serem capazes de captar as emanações dos quatro elementos primordiais feitas pelos objetos (Barnes, 2003). Sua teoria [...] tem como base o fundamento da atração dos semelhantes.[..]

Durante a fase cósmica do Amor, as partículas do fogo presentes no objeto partiriam em direção aos olhos os quais também seriam permeados de partículas de fogo presentes no objeto partiriam em direção aos olhos os quais também seriam permeados de partículas do fogo. Entretanto, a percepção visual só seria capaz de ocorrer devido à seleção dos poros do órgão visual, que permitiriam a entrada somente de partículas elementares similares àquelas presentes nos olhos, cujas dimensões não ultrapassem seus limites. Isso causaria tanto a sensação da luz e das cores, assim como a percepção da forma dos objetos (Barnes, 2003; Batista, 2003; Frias, 2004; Kirk et al., 1990. Apud, CASTRO, 2011, p.801).

Assim como Diógenes, Empédocles considerou que era através do sangue que ocorriam os pensamentos, mas, sendo através do sangue, considerou que a sede do pensamento seria o coração e não o cérebro, como defendeu Diógenes, uma vez que, segundo sua reflexão, o coração era quem produzia a mistura de todos os elementos do sangue, assim pensava, também Teofrasto, considerando o coração como o produtor do pensamento, portanto, lugar do intelecto.

Antes de Hipócrates, Alcmeon foi quem mais profundamente argumentou em função da defesa do cérebro como a sede da razão, das sensações e da cognição. Foi também, um dos primeiros a, de forma bastante clara, delimitar as diferenças entre homens e animais, estabelecendo que os animais apenas percebiam o mundo, sendo que, o homem iria além, sendo capaz de compreender. Desta forma o pensador diferencia os dois processos, da percepção e da compreensão.

“Alcmeon discutiu os sentidos, propondo a existência de canais sensoriais (poroi) os quais levariam as sensações até o cérebro [...] todos os sentidos estão, de alguma forma, ligados ao cérebro. Por esse motivo, tornam-se incapacitados se o cérebro for movido ou tirado de posição; porque tal obstrui as passagens através das quais operam os sentidos”(CASTRO, 2011, p.802).

O conhecimento deste período nos chega por inúmeros fragmentos, citações e interpretações diversas e, muitas vezes, divergentes. Mas, o que se pode observar é que é possível que não se possa alcançar a visão de mundo e das coisas exatamente como era no período, pelas profundas mudanças pelas quais a humanidade passou desde então. Por isso, é preciso sempre desconfiar se a interpretação não está contaminada pela vivência, pela forma como o intérprete está inclinado a ver o mundo e não impor uma visão sobre o mundo e as coisas a um período de forma anacrônica, deturpando pensamentos e visões da época.

Para a busca de uma interpretação de fragmentos dos Pré-Socráticos é preciso considerar o período, o contexto da época, além do período e contexto do doxógrafo que revela as reflexões do pensador, pois todos esses pontos irão interferir na interpretação apresentada.

No entanto é perceptível a importância que os pensadores dessa época dão ao coração e ao sangue na produção do pensamento:

394 ... [O coração] que habita no pélago de sangue, que flui e reflui, sendo nele que está especialmente aquilo a que os homens chamam pensamento; é que o sangue, que circunda o coração dos homens, é o seu pensamento. O fragmento de 393 dá-nos a enumeração de que se falou em 392; e 394 (juntamente com 373) deve ser o testemunho de Teofrasto para a sua declaração final. Os textos têm sido por vezes entendidos como implicando que os elementos literalmente percebem, e que o sangue, por eles constituído, literalmente pensa. Preferível é sublinhar os pronomes «nós» de 393 e «eles» de 392, com particular atenção para os dativos «com a terra», etc., e considerar que Empédocles sustenta que é em virtude de possuímos uma substância, na qual os elementos se encontram misturados em proporções iguais, que nós temos capacidade de pensar (cf. Plutarco de exil. 607 d). (KIRKI, HAVEN,SCHOFIELD. 2010. p. 326)

2.3 HIPÓCRATES E A AFIRMAÇÃO DO CÉREBRO

Hipócrates (aprox.460 a.C), o médico, em seu tratado da *Doença Sagrada*, Hipócrates irá explicar o percurso do ar na produção do que mais tarde se chamará de Epilepsia, que era tratada como doença sagrada. Hipócrates vai dessacralizar a doença, demonstrando a consequência da interrupção do fluxo sanguíneo:

7Litré (10Jones).⁴ Se (o fleuma) fica bloqueado nesse trajeto produz-se o fluxo para as veias das quais já falei; o indivíduo torna-se afônico e fica sufocado, e cai-lhe espuma da boca. Os dentes se cerram, as mãos se contraem, os olhos reviram, o indivíduo perde a consciência, e alguns eliminam excrementos. Essas coisas ocorrem às vezes pelo lado esquerdo; outras vezes, pelo direito, e outras ainda, por ambos os lados (CAIRUS. 2005).

⁴ Justificativas de CAIRUS (2005) para as menções em sua tradução: “A numeração de Émile Littré é seguida por Wilamowitz e Grensemann. Contrariamente à opinião de Garda Gual (1983, p. 400), não me parece haver razão para que se sugira outra numeração; contudo, sendo a edição de Jones muito prestigiada pelos helenistas, julguei conveniente registrar sua opção de partição do texto”.

Em sua explicação, a seguir, torna claro que o fluxo sanguíneo e a respiração é que proporciona o bom funcionamento do corpo. Que quando esse é interrompido produz os sintomas vistos nos ataques de epilepsia, ocasionado pela interrupção desse fluxo, assim como a necessidade da respiração para a produção do pensamento e do controle dos movimentos no cérebro:

o fleuma que foi para as veias bloqueia o ar, e não é recebido pelo cérebro, nem pelas veias cavas, nem pelas cavidades, mas intercepta a respiração; porque quando o homem toma o fôlego pela boca e pelas narinas, este chega primeiramente ao cérebro; em seguida, vai majoritariamente para o ventre, uma parte ainda vai para o pulmão, e outra, para as veias. Dessas partes, o fôlego distribui-se às outras através das veias. O que chega ao ventre, resfria o ventre, e não serve para nenhuma outra coisa. O ar que é lançado ao pulmão e às veias, chegando às cavidades e ao cérebro, torna, dessa forma, possíveis o pensamento e o movimento dos membros; de sorte que, quando as veias são privadas do ar por causa do fleuma, e não o recebem, o homem torna-se afônico e sem consciência (CAIRUS. 2005).

Na citação Hipócrates parece buscar esclarecer a importância da respiração e do fluxo sanguíneo, ou seja, do ar e do sangue, na saúde do corpo e no bom funcionamento do cérebro, mas não fortalecer a ideia de que esses dois elementos seriam os responsáveis, exclusivos, pelos pensamentos e ideias. Destaco a seguir uma citação fantástica em que Hipócrates demonstra sua visão sobre o papel do cérebro no corpo humano:

É preciso que os homens saibam que nossos prazeres, nossas alegrias, risos e brincadeiras não provêm de coisa alguma senão dali (isto é, do cérebro), assim como os sofrimentos, as aflições, os dissabores e os prantos. E, sobretudo, através dele, pensamos, compreendemos, vemos, ouvimos e reconhecemos o que é feio e o que é belo, o que é ruim e o que é bom, o que é agradável e o que é desagradável, tanto distinguindo as coisas conforme o costume, quanto sentindo-as conforme o que for conveniente - e distinguindo dessa forma os prazeres dos desprazeres; de acordo com a ocasião, as mesmas coisas não nos agradam sempre. É também através dele que enlouquecemos e deliramos, e nos vêm os terrores, os medos, alguns durante a noite, outros durante o dia, e as insônias, os erros inoportunos, as preocupações inconvenientes, a ignorância do estabelecido, a falta de costume e a inexperiência. (CAIRUS. 2005).

A seguir, Hipócrates irá afirmar que quando o cérebro deixa de ter suas condições físicas normais, como umidade, temperatura ou outras formas de afecção, o ser humano enlouquece e que, para o homem estar consciente, é necessário que o cérebro

permaneça em condição estável. Em seguida irá descrever duas formas de enlouquecimento, sendo uma devido ao fleuma e outra à bile, sendo o primeiro mais pacífico e apático e o segundo mais raivoso, respectivamente (CAIRUS, 2005). Hipócrates após as análises das doenças do cérebro irá afirmar:

De acordo com isso, penso que o cérebro (dentre todos os órgãos, é o que) exerce o maior poder no homem. Pois ele, se acaso está são, é nosso intérprete das ocorrências oriundas do ar, e o ar lhe proporciona a consciência. Os olhos, os ouvidos, a língua, as mãos, os pés praticam coisas tais quais o cérebro as percebe; pois a todo o corpo se aplica a consciência na medida em que ele participa do ar. Mas o cérebro é o transmissor da compreensão. Quando, pois, o homem inspira, este (isto é, o ar) chega primeiramente ao cérebro, e assim o ar se dispersa pelo resto do corpo, deixando no cérebro sua parte apogística e o que houver de concernente à consciência e possuir de conhecimento. (CAIRUS. 2005).

Hipócrates irá afirmar que o cérebro é o interpretador da inteligência, questionando o fato de terem considerado, em sua época, que esse era o papel do diafragma. Chama a atenção para o fato de que o corpo em aflição e em forte alegria se estremeça e se tencione e que embora o coração e o diafragma percebam isso, só o cérebro participa da consciência.(Cairus, 2005). Na discussão de qual era a sede do pensamento, Hipócrates será um dos grandes cefalocentrismo, defensores de que o pensamento acontece no cérebro. Mas, mesmo após toda a teorização desse pensador e o grande prestígio que alcançou, mais tarde, pensadores importantes irão voltar a defender que a sede do pensamento seria o coração. Na filosofia Clássica o pensamento dos Pré-Socráticos e o pensamento mitológico ainda é bastante presente. A educação que Platão e Aristóteles receberam, provavelmente, continham influências do pensamento de Hipócrates, mas, nem todos os seus postulados aparecerão como questões resolvidas na Filosofia Clássica. No próximo capítulo veremos o desenvolvimento do pensamento de Platão sobre a mente e sua relação com o sensível.

3. A TRIPARTIÇÃO DA ALMA NA FILOSOFIA CLÁSSICA - PLATÃO E ARISTÓTELES

Tanto Platão quanto Aristóteles vão apresentar a mente como uma das três partes da Alma. São duas formas de tripartição da alma, mas em ambas existem duas partes delas que pertencem ao corpo e uma delas é onde se encontra a razão. Existem outras questões comparáveis no pensamento dos dois, tanto por semelhanças, quanto por contradição, mas, o que aqui buscamos é analisar a visão de cada um da relação mente/corpo.

Precisamos ter claro que a busca dessa visão força um pouco o entendimento a se encaixar, pois, nem mesmo o conceito de mente, como temos hoje, pode ser encontrado naquela época. O pensador que mais vai se aproximar deste conceito de mente, de nossa contemporaneidade, é Hipócrates. Nos demais pensadores o conceito de Mente está mais próximo do conceito de Alma, ou seja, algo mais etéreo e menos concreto.

3.1 PLATÃO E A RAZÃO DA ALMA

Embora Platão tenha sido influenciado pelos tratados de Hipócrates, principalmente, sobre os conceitos de doença e de saúde, desenvolvendo, inclusive teorias sobre doenças da alma, descrevendo estados que chamou de mania e, sendo, também um defensor de que o local das funções mentais é o cérebro, é preciso esclarecer que isso não faz de Platão um materialista ou empirista.

Platão é um dualista, pois, embora creia no cérebro como porção corpórea da mente, irá tratar o conceito de mente como composto por duas partes, uma parte corpórea e uma parte incorpórea ligada à alma. Com isso, pode-se falar em uma dualidade cérebro/alma, em que as funções mentais estariam divididas entre cérebro e mente, sendo a mente a expressão da alma na vida, pois a alma é imortal, enquanto o cérebro é perecível.

Platão criou uma argumentação sobre a Alma, Utiliza-se aqui o termo na forma que o pensador utiliza, mas, o que chamamos de funções mentais, de mente hoje Platão chamou de Alma, descrita, principalmente, no livro *A República* (p. 190 - 379: 2014), como dividida em três partes, a mais básica seria a Apetitiva, responsáveis pelas necessidades fisiológicas do corpo, além de desejos e paixões (439d/580d), a segunda seria a Irascível, que seria o centro da ira, do prazer do poder e seria também a parte

responsável pelas sensibilidades do corpo (439e/580d) e o mais alto nível da Alma seria a Racional ou Cognitiva (439d/580d), na qual ocorreria a contemplação do ser, o raciocínio, sendo a responsável pelo controle das outras duas. É nítido que as duas primeiras estão ligadas ao corpo e a vida sensível e a última está ligada a racionalidade e ao mundo das formas ou mundo das ideias. A descrição dessa Alma vai demonstrar que a parte racional da Alma em Platão tem sua existência anterior a vida do corpo e sobreviverá à morte do corpo.

Essa dualidade está no cerne da filosofia platônica, o que muitos descrevem como a teoria das formas ou teoria das ideias. É a teoria que busca responder onde está a verdade das coisas, ou ainda, de forma mais profunda, o que é o Ser dentro do platonismo.

Na teoria das formas é considerado que a vida no mundo sensível não permite o conhecimento da verdade, pois, sendo o mundo físico o cenário da eterna mudança, como demonstrado por Heráclito, antes de Platão, sendo a mudança a única constância do mundo sensível, segundo Platão, o mundo da inconstância é o mundo do engano. Pois, onde nada é constante a verdade das coisas não pode ser compreendida, não sendo possível conhecer uma verdade que agora é e daqui a pouco não é mais.

A verdade, segundo Platão, precisa ser a expressão daquilo que é, sempre foi e sempre será. Sendo a constância uma característica necessária à verdade. Por exemplo: Quando fala-se que determinada planta é uma rosa, embora tenha-se, perceptíveis aos olhos e demais sentidos, diversos tipos, tamanhos e cores de rosas, ainda assim, sabe-se que é uma rosa, estando ela em forma de botão, viva ou morta. Ainda assim, reconhece-se a planta como uma rosa, pois tem-se a ideia do que é uma rosa, uma forma essencial do que é uma rosa. Sabe-se o que de essencial existe em todas essas rosas que se vê, que permite reconhecer essa planta como uma rosa. Esse essencial que se conhece da rosa é a rosa em si, é a forma, a ideia da rosa, mesmo na rosa que muda, que nasce, cresce e morre, mesmo possuindo diversos tipos diferentes de rosas. Assim também é com relação a tudo que existe, inclusive, a justiça, a beleza, etc.

Para Platão o conhecimento que o homem alcança utilizando os sentidos para conhecer o mundo, só lhe permite atingir o nível mais baixo do conhecimento, ou seja, crenças e opiniões. Só por meio da razão é que será possível atingir níveis mais altos de conhecimento, o que pode-se chamar de conhecimento reflexivo. Com isso, para Platão, a existência se divide entre o mundo sensível e o mundo inteligível ou mundo das formas.

O mundo sensível é o mundo percebido pelos sentidos, onde ocorre a participação das Almas Apetitiva e Irascível, em que os homens são movidos pelas sensações, através das quais elaboram suas crenças e opiniões, sendo essas as formas mais simples de pensamentos. Só com o conhecimento do mundo das formas é que se consegue conhecer a coisa em si e consegue-se construir conhecimentos verdadeiros, ou seja, atingir a verdade e buscar o conhecimento do bem supremo, só por meio da razão.

Platão se utiliza da criação de vários mitos para ilustrar, de forma bastante pedagógica, o seu pensamento, como, por exemplo, o conhecidíssimo Mito da Caverna, que nos permite visualizar a hierarquização da busca do conhecimento:

imagina seres habitando uma espécie de caverna subterrânea, com uma longa entrada acima aberta para a luz e tão larga como a própria caverna. Estão ali desde a infância, fixados no mesmo lugar, com pescoços e pernas sob grilhões, unicamente capazes de ver à frente, visto que seus grilhões os impedem de virar suas cabeças. Imagina também atrás deles, porém, num terreno mais elevado, há uma vereda que se estende entre eles e a fogueira. Imagina que foi construído ao longo dessa vereda um muro baixo, como o anteparo diante de manipuladores de marionetes acima do qual eles os exibem [...] imagina que há pessoas ao longo do muro, carregando todo tipo de artefatos que são erguidos acima do nível do muro: estátuas de seres humanos e de outros animais, feitas de pedra, madeira e todo material. E, como seria de esperar, alguns desses carregadores conversam, ao passo que outros estão calados [...] Considera, então de que caráter seria a libertação dessas correntes e a cura dessa ignorância se algo assim acontecesse: quando um deles fosse libertado e subitamente obrigado a se levantar, virar a cabeça, caminhar e erguendo o olhar - fitar a luz, experimentaria dor devido à ofuscação da vista e ficaria incapacitado para ver as coisas cujas sombras vira antes. O que achas que ele diria se nós lhe disséssemos que o que vira antes era tudo uma ilusão, mas que agora, estando ele mais próximo da realidade e voltado para coisas mais reais, ele vê mais verdadeiramente? Ou, formulando-o de outra maneira, se apontaremos para cada uma das coisas que passam diante de seus olhos e lhe perguntássemos o que é cada uma delas e o constrangêssemos a responder, não que ele ficaria confuso e que acreditaria que os objetos que havia visto antes eram mais reais do que os que agora lhe eram mostrados? [...] E se alguém o forçasse a fitar a própria luz, seus olhos não doeriam e não daria ele as costas, fugindo na direção das coisas que é capaz de ver, convicto de que são positivamente mais nítidas e exatas do que as que lhe estão sendo mostradas? [...] E se alguém o arrastasse dali à força em sentido ascendente através do caminho acidentado e abrupto, e não o deixasse escapar até que o tivesse arrastado até a luz do sol, não se sentiria ele atormentado e irado por ser tratado desse modo? [...] suponho que ele precisaria de tempo para adaptar-se até poder ver as

coisas no mundo superior [...] E o que aconteceria quando se lembrasse de sua primeira morada, de seus companheiros prisioneiros e daquilo que ali passava por sabedoria? Não achas que se consideraria feliz pela mudança e teria pena dos outros? [...] E se tivesse honras, louvores ou prêmios entre eles para aquele que se revelasse o mais hábil na identificação das sombras à medida que se projetavam [...] achas que nosso homem desejaria essas recompensas ou invejaria aqueles entre os prisioneiros que fossem objeto das honras e que fossem transformados em senhores? Ou será que ao contrário, não partilharia do sentimento de homero, preferindo ‘trabalhar o solo como servo de um outro homem, alguém sem posses’, e padecer quaisquer sofrimentos do que partilhar das opiniões deles e viver como vivem? [...] se esse homem descesse ao interior da caverna novamente [...] enquanto sua visão estivesse ainda turva, se tivesse ele de competir de novo com os perpétuos prisioneiros no reconhecimento das sombras, não atrairia o ridículo para si?(PLATÃO, 514a-517a, 2016)

No Mito, percebe-se que os prisioneiros são todos que vivem e acreditam conhecer a verdade, quando só veem sombras. Apenas aquele que é impulsionado pelo questionamento daquilo que vê é que busca a verdade da coisa em si. O questionamento é o princípio para a reflexão, e ao se deparar com a luz da verdade o sujeito não consegue encará-la de imediato, mas quando consegue ver, a verdade produz grande espanto e encantamento naquele que a contempla. É uma alegoria, que produz uma imagem profunda da divisão entre o mundo sensível, a caverna, e o mundo das formas, ou mundo das ideias, a realidade fora da caverna.

Na obra *Timeu*, Platão expõe sua visão de uma alma composta por três partes, primeiro na constituição do universo:

o deus, graças à sua condição e virtude, constituiu a alma anterior ao corpo e mais velha do que ele, para o dominar e governar – sendo ele o governado – a partir dos seguintes recursos e do modo que se expõe: entre o ser indivisível, que é imutável, e o ser divisível que é gerado nos corpos, misturou uma terceira forma de ser feita a partir daquelas duas. [...] Procedendo à mistura de acordo com o ser, formou uma unidade a partir das três, e depois distribuiu o todo por tantas partes quantas era conveniente distribuir, sendo cada uma delas uma mistura de Mesmo, de Outro e de ser (PLATÃO, *Timeu*,35a-b, p.105).

O homem nessa composição é descrito na obra *Timeu*, que:

depois de terem recebido o princípio imortal da alma, tornearam para ele um corpo mortal a que deram como veículo todo o corpo e nele construíram uma outra forma de alma, mortal, que contém em si mesmas impressões terríveis e inevitáveis: primeiro, o prazer, o maior engodo do mal; em seguida, as dores, que fogem do bem; e ainda a audácia e o temor, dois conselheiros insensatos; a paixão, difícil de apaziguar, e a esperança, que induz em erro. Tendo misturado estas paixões juntamente com a sensação irracional e com o desejo amoroso que tudo empreende, constituíram a espécie mortal submetida à Necessidade. (PLATÃO, Timeu, 69d, p.170).

temendo conspurcar a parte divina, o que não era de todo inevitável, estabeleceram a parte mortal numa outra morada do corpo, separada daquela, e construíram um istmo e um limite entre a cabeça e o peito, ao estabelecerem no meio deles o pescoço, [...]. No peito, também chamado tórax, sediaram a parte mortal da alma. Visto que uma parte dela é, por natureza, mais forte e outra mais fraca, [...]. Entre elas puseram o diafragma a servir de barreira. Assim, estabeleceram a parte da alma que participa da coragem e do fervor, que é adepta da vitória, mais perto da cabeça, entre o diafragma e o pescoço, para que escutasse a razão e, em conjunto com ela, refreasse pela força a espécie dos desejos, sempre que estes não quisessem de modo algum obedecer prontamente às ordens e aos decretos da cidadela do alto. Quanto ao coração, [...] estabeleceram-no na morada dos guardiões [...] Quanto à parte da alma que deseja comida e bebida e tudo aquilo de que o corpo tem necessidade por natureza, essa parte eles estabeleceram entre o diafragma e o limite do umbigo, fabricando em toda esta região uma espécie de manjedoura para o sustento do corpo. Foi nesse lugar que aprisionaram esta parte da alma como se fosse uma criatura selvagem, mas que era necessário alimentar, para que no futuro pudesse existir uma espécie mortal. De modo a que estivesse sempre situada junto à manjedoura e estabelecida bem mais longe do centro de decisões, provocando nele o menos possível de distúrbios e clamores. (PLATÃO, Timeu, 70a-e, p.171-172)

Segundo as citações acima, Platão acreditava que a porção imortal da alma, localizada no cérebro era o equivalente ao intelecto, e que as outras duas partes da alma estavam localizadas no corpo, sendo responsáveis pelos sentimentos, instintos e impulsos. Deixando bastante claro a divisão mente/corpo. Assim como, o mundo das ideias, ou mundo das formas, onde se pode contemplar a verdade da coisa em si, está ligado a alma imortal, ou a alma racional, o logos ligado ao logos do universo. Já as partes corpóreas da alma, precisam ser submetidas e dominadas, por sua inconstância e animalidade irracional.

Assim como visto no mito da caverna em que aquele que acredita conhecer a verdade, mas é enganado pelos sentidos e quando pode se aproximar da verdade, sente-se desconfortável. Platão coloca a razão como a iluminação do mundo das ideias.

3.2 ARISTÓTELES E A ALMA COMO ORIGEM DO PENSAMENTO

No seu texto *De Anima* (2006) Aristóteles irá buscar definir o que é a Alma. Compreendemos aqui que a Alma para Aristóteles possui todas as características do que conceituamos, nos estudos da mente, tanto na Filosofia como nas ciências em geral, por mente. Com isso o autor irá apresentar o problema da relação mente-corpo, de acordo com a compreensão de sua época.

No livro I, do *De Anima*, Aristóteles apresenta o problema sobre o qual pretende argumentar e as diversas formas que pensadores, anteriores a ele, definiram a Alma, além de descrever o método que pretende utilizar para encontrar a resposta mais adequada. Inicia por expor os questionamentos, que julga importantes, por exemplo, se a alma:

“é algo determinado e substância, ou se é uma qualidade, uma quantidade ou mesmo alguma outra das categorias já distinguidas [...] se está entre os seres em potência ou, antes, se é uma certa atualidade. [...] se ela é divisível [...] se toda e qualquer alma é de mesma forma [...] (Aristóteles, 402a23).

Embora esteja, nesse ponto, ainda construindo o problema a ser investigado, já faz algumas afirmações, que são importantes para o argumento que aqui tentamos construir, como por exemplo:

“na maioria dos casos, a alma nada sofre ou faz sem o corpo, como por exemplo, irritar-se, persistir, ter vontade e perceber em geral; [...] se também o pensar é um tipo de imaginação ou se ele não pode ocorrer sem a imaginação, então nem mesmo o pensar poderia existir sem o corpo. Enfim, se alguma das funções ou afecções é própria à alma, ela poderia existir separada; mas se nada lhe é próprio, a alma não seria separável.”(Aristóteles, 403a3)

Aristóteles justifica, inclusive, o fato de um estudioso da natureza estar investigando sobre a alma, afirmando que:

“é evidente que as afecções são determinações na matéria. De maneira que as definições serão tais como “o encolerizar-se é um

certo movimento de um corpo deste ou daquele tipo, ou de uma parte ou potência dele, devido a isto e em vista daquilo”. Por isso, é a quem estuda a natureza que cabe enfim o inquirir a respeito da alma” (Aristóteles, 403a24)

Após elencar diversos pensadores e como estes pensavam a alma, Aristóteles conclui que “todos, com efeito, definem a alma por assim dizer por três atributos: o movimento, a percepção sensível e a natureza incorpórea” (405b10).

A partir do capítulo 3, Aristóteles, irá discutir sobre o movimento, afirmando que “há quatro movimentos - locomoção, alteração, decaimento e crescimento”. Após descrever a forma como Demócrito pensa o movimento da alma, afirma que: “Não parece de todo que a alma mova o animal desse modo, e sim por meio de alguma **decisão e pensamento**” (406b15) (grifos meus), e para descrever algumas das características da alma Aristóteles irá afirmar:

“já que o conhecer é algo da alma - bem como o perceber, o opinar e ainda o ter apetite, o deliberar e os desejos em geral - e já que também da alma advém o movimento local, e também o crescimento, maturidade e decaimento, é preciso perguntar se cada uma dessas coisas subsiste na alma inteira - e se pensamos, percebemos, somos movidos, afetados e fazemos cada uma das demais coisas com a alma inteira - ou se, com partes diversas, fazemos coisas diversas.” (Aristóteles, 411a26).

Aristóteles discute o questionamento citado acima, no Livro I, afirmando que muitos afirmam que a alma é partível, considerando que possuiria em si muitas características distintas, como o pensar, o mover, o desejar e outras. No Livro II, inicia por discutir se o corpo e a alma são a mesma coisa, afirmando que:

uma vez que essa substância também é um corpo de tal tipo — que tem vida — , a alma não é corpo, pois o corpo não é um dos predicados do substrato, antes, ele é o substrato e a matéria. É necessário, então, que a alma seja substância como forma do corpo natural que em potência tem vida. E a substância é a atualidade.(Aristóteles, 412a16)

Em seguida, afirma que possui alma todo corpo que possui vida, sendo a alma a atualidade da potência de vida do corpo natural. Considerando que um corpo é vivo quando nele existe: “intelecto, percepção sensível, movimento local e repouso, e ainda o movimento segundo a nutrição, o decaimento e o crescimento” (De Anima, 413a20).

Reafirma, assim, que a alma é a atualidade de um certo corpo e que não existe alma sem corpo, mas que, no entanto, é incorreta a afirmação de que a alma seria

um certo corpo, pois a alma seria algo do corpo, subsistindo em um certo tipo de corpo. Corpo esse que possuiria determinada forma, cuja configuração seria dada pela alma. Com isso, afirmando, “que a alma é uma certa atualidade e determinação daquele que tem a potência de ser tal” (De Anima, 414a14).

Afirma o autor que a alma possui distintas faculdades, descrevendo essas faculdades como uma alma específica, mas, ao mesmo tempo parte da alma, o que ao final será possível concluir que se tratam de três partes da alma: alma nutritiva, alma perceptiva e alma intelectiva.

Inicia por discorrer sobre essa partição da alma, argumentando sobre a alma nutritiva, sendo que “a alma nutritiva subsiste também com as outras, sendo a primeira e a mais comum potência da alma, segundo a qual subsiste em todos o viver”. Sendo a alma nutritiva responsável pelos processos de nascimento, crescimento, reprodução e degeneração, “a causa e o princípio da vida do corpo”(De Anima, 515b21). Sendo essa a alma que todos os seres vivos possuem, mesmo quando não possuem a alma perceptiva ou a alma intelectiva, citando como exemplo as plantas.

A segunda partição da alma descrita por Aristóteles é a alma perceptiva, como aquela que é a incumbida das sensações, que se relaciona com o mundo através dos cinco sentidos, sendo que, para o autor, o sentido principal é o tato, pois, esse sentido vai participar de todos os outros. Exemplificando que na visão, por exemplo, é o contato da luz com o olho que irá permitir a apreensão sensível das cores ou o contato do alimento com a boca e com a língua, que permitirá a apreensão sensível do sabor e assim por diante. Ou seja, para Aristóteles há sempre um contato físico do estímulo com o órgão da percepção para que a apreensão sensível ocorra.

Para esclarecer a relação necessária das faculdades da alma, assim como ocorre na relação entre a alma nutritiva e perceptiva, e que em alguns seres essa relação não se apresenta, por não haver mais de uma alma, mesmo sendo necessária quando existente, Aristóteles afirma:

Pois, sem a nutritiva, não existe a capacidade perceptiva, embora nas plantas a nutritiva exista separada da perceptiva. E, novamente, sem o tato, nenhum dos outros sentidos subsiste, embora o tato subsista sem os outros, pois diversos animais não têm nem visão, nem audição, nem percepção de odor. E, dentre os que têm a capacidade perceptiva, uns têm a locomotiva e outros não. Por fim, pouquíssimos têm cálculo e raciocínio. (Aristóteles, 414b33)

Aristóteles irá afirmar, também, que a alma perceptível só pode existir e realizar sua função através de um corpo e que essa parte da alma é perecível, pois, deixa de ser capaz de realizar a percepção quando é exposta a um estímulo excessivo, como quente demais ou frio demais, som alto demais, etc. É exigido um certo equilíbrio do estímulo para a não deterioração da capacidade perceptível.

Quanto à parte intelectual da alma, Aristóteles irá afirmar no livro III, várias vezes, a sua profunda ligação com a parte perceptível, pois há o que só se conhece por meio da percepção, mas, pensando na ligação mente-corpo, afirma o citado abaixo. Afirmação essa que provocou várias discussões com diversas interpretações:

O raciocinar, o amar ou o odiar não são afecções do intelecto, mas daquele que possui intelecto e enquanto o possui. É por isso também que, quando o possuidor do intelecto se deteriora, não tem nem memória, nem ama, pois não eram afecções do intelecto, mas do conjunto que pereceu. No que diz respeito ao intelecto, talvez ele seja algo mais divino e impassível. É evidente a partir disso tudo que não é possível que a alma se mova. E se de todo não se move, é claro também que não se move por si mesma. (Aristóteles, 408b18)

Aristóteles afirma no Capítulo 3 do Livro III, do *De Anima*, que os antigos (em relação a sua época) acreditavam que o perceber era o mesmo que entender ou pensar. Mas ele vai discordar, argumentando que todos os animais possuem percepção, mas não o intelecto, ou o entender. Como também, que o perceber permite um conhecimento direto da realidade, mas o pensar possuiria uma forma certa e outra errada. Ainda que, no pensar participa por um lado a imaginação e por outro a concepção (De Anima, 428b25). Segundo sua descrição, no movimento da percepção, também, participa a imaginação, com a produção de imagens e memória, movimento esse profundamente ligado com o pensar:

Ora, se o pensar é como o perceber, ele seria ou um certo modo de ser afetado pelo inteligível ou alguma outra coisa desse tipo. É preciso então que esta parte da alma seja impassível, e que seja capaz de receber a forma e seja em potência tal qual mas não o próprio objeto; e que, assim como o perceptivo está para os objetos perceptíveis, do mesmo modo o intelecto está para os inteligíveis (Aristóteles, 429a13).

Da discussão a respeito da relação entre o pensar e o perceber, Aristóteles irá argumentar que a alma intelectual seria a parte da alma que não está ligada a nenhuma

parte do corpo e que “a alma é o lugar das formas. Só que não é a alma inteira, mas a parte intelectual, e nem as formas em atualidade, e sim em potência”(429a13).

A seguir, no Livro III, Aristóteles mostra a ligação entre a alma perceptiva e a intelectual, embora, para Aristóteles, uma está intimamente ligada ao corpo, ao material, e a outra está ligada às formas, respectivamente:

A aversão e o desejo são a mesma coisa em atividade, e a capacidade de desejar e de evitar não são diferentes, nem entre si, nem da capacidade de sentir, embora o ser seja diverso. Para a alma capaz de pensar, as imagens subsistem como sensações percebidas. E, quando se afirma algo bom ou nega-se algo ruim, evita-o ou persegue-o. Por isso, a alma jamais pensa sem imagem.(Aristóteles, 431a8).

Enquanto discorre sobre as possíveis e problemáticas relações entre essas partes da Alma, Aristóteles mostrará que não está, absolutamente, seguro das partições da alma. Até o fim há o questionamento se a alma é una ou subdividida, assim como há também o questionamento se a alma está ligada ao corpo ou independente dele, ou ainda, estando a alma ligada ao corpo, se haveria alguma parte dela que seria independente do corpo. Este questionamento da divisão da alma é retomado e Aristóteles justifica suas dúvidas afirmando: “pois é na parte calculativa que nasce a vontade, mas o apetite e o ânimo, na parte irracional; e caso a alma seja tripartite, em cada parte haverá desejo” (432a22). Passando então a discutir o papel do desejo no movimento dos corpos, o que vai suscitar uma discussão referente a vontade e a deliberação:

“o intelecto não faz mover sem o desejo (pois a vontade é desejo, e quando se é movido de acordo com o raciocínio, também se é movido de acordo com a vontade), mas o desejo move deixando de lado o raciocínio, pois o apetite é um tipo de desejo. Intelecto, então, é sempre correto; ao passo que o desejo e a imaginação, ora corretos, ora não corretos. Por isso, é sempre o desejável que move, embora este seja tanto o bem como o bem aparente; mas não todo o bem, e sim o bem prático apenas. E o praticável é o que admite ser de outro modo”.(Aristóteles, 433b19)

Nesse trecho é perceptível que ou os desejos do corpo participam do intelecto ou o intelecto e percepção andam juntos, não fica claro uma desconexão entre corpo e alma, mantendo essa discussão em aberto Aristóteles ainda afirma:

na medida em que o animal é capaz de desejar, por isso mesmo ele é capaz de se mover; e ele não é capaz de desejar sem imaginação, e toda imaginação ou é raciocinativa ou perceptiva. E desta também compartilham os outros animais.(Aristóteles, 433b21)

Aristóteles tem sido retomado para o estudo da relação mente-corpo e segundo Maria Cecília Gomes dos Reis (2006), tradutora do texto aqui utilizado, em comentários ao *De Anima*, o livro aqui citado é o principal objeto de estudos para essa discussão, também, por ser alvo de grandes controvérsias, pois:

No que concerne ao tipo de relação que Aristóteles supõe entre a alma e o corpo, as interpretações são assustadoramente divergentes. No livro I do *De Anima*, grosso modo, ele rejeita tanto o dualismo substancial (de Platão) — a alma é uma substância incorpórea (de natureza matemática) — quanto o materialismo reducionista (de Demócrito) — a alma é matéria. Mas sua própria exposição sugere que deve haver uma terceira alternativa. De fato, certas passagens parecem sustentar alguma outra forma de materialismo: afirmam, por exemplo, que as capacidades psíquicas existem com o corpo [DA 403a6-17, 407b4]. Outras sugerem algum dualismo: caso o intelecto não seja propriedade de um órgão físico, então ele pode existir separado [Aristóteles, 3b24].

Não cabe aqui um juízo conclusivo a essa discussão, mas apenas uma humilde contribuição para manutenção do questionamento e apresentação de alguns pontos que sustentam esses questionamentos. É pensado, que nem Aristóteles pretendia fazer afirmações categóricas sobre se a mente é incorpórea e independente do corpo ou física e atrelada ao corpo, mas, em alguns momentos de sua reflexão fez o mesmo questionamento, se a alma pode existir sem o corpo.

É deixado aqui, também, um complemento à discussão, mais voltado à fisiologia. Segundo alguns comentadores de Aristóteles, ele era um cardiocentrista, e entendia que, sendo o coração o órgão a se desenvolver primeiro no embrião e estando centralizado no corpo, o coração era visto como a sede da alma, das emoções e do intelecto. O coração e o cérebro, para Aristóteles, são os responsáveis pelo funcionamento do organismo. Sendo o coração quente e o cérebro frio, o primeiro produzindo calor no sangue e o outro mantendo o controle dessa temperatura. O processo ocorreria da seguinte forma: o sangue aquecido provocaria a evaporação da água presente no cérebro, resfriando-o (Crivellato & Ribatti, 2007; Gross, 1995). Mas no *De Anima* não encontramos a resposta para o questionamento: Todas as faculdades da Alma residem no coração? Para ele, o coração possuiria papel importante por se encontrar numa posição central do corpo, além de ser responsável pela produção de calor do corpo, fundamental para a vida. Indo além, considerou o coração como a fonte do sangue e a origem dos vasos sanguíneos (French, 1978 *apud* Castro & Fernandes).

É preciso considerar que a cultura em que Aristóteles está inserido não diferencia Mente e Alma e no *De Anima* reflete sobre o que seria a Alma humana ou ainda, o que seria a essência humana. Essa não distinção entre Mente e Alma, tendo as duas como equivalentes, por si só, promove e defende a separação entre Corpo e Alma, pois, se a Mente é a Alma é portanto uma substância distinta e desconectada do Corpo, tornando o corpo um veículo da mente/alma. Nesta forma indistinta entre mente e Alma está a distinção entre Mente/corpo, desde sempre e persiste.

Assim como Aristóteles buscou e foi influenciado pelos pensadores de seu tempo e interiores a ele, além da influência da cultura em que estava inserido e outras das quais pôde conhecer, certamente, Aristóteles e Platão, os grandes filósofos da era clássica fazem parte das bases dos conhecimentos dos filósofos modernos, por isso, também, a importância de apresentá-lo aqui, para que se possa continuar o percurso desse questionamento, já com os modernos e com o início da formulação do problema no campo da Filosofia da mente, saltando para os séculos da modernidade e do início do pensamento científico como conhecemos hoje, em que o objeto mais retomado para discussão sobre a relação Mente-Corpo é o pensamento de Descartes.

4 RES-EXTENSA E RES-COGITANS A ORBITA DO PENSAMENTO MODERNO - DESCARTES E SPINOZA

O pensamento de Descartes é lembrado como o promotor da cisão Mente-Corpo, principalmente no campo da filosofia da mente, mas é visto pelas descrições anteriores que seu pensamento busca confirmar um pensamento bastante forte e anterior a ele, de que é na mente que se encontra a alma, portanto, ela está para o controle do corpo que é veículo perecível da alma⁵ e, sendo a Alma uma substância imortal e o corpo mortal, não é possível que sejam a mesma coisa ou mesmo que possam ser considerados da mesma maneira. Como já mencionado anteriormente, está nessa indistinção entre mente e alma a distinção entre Mente e Corpo. Pois, se a mente é o mesmo que a alma, então, não é igual ao corpo, pois sobre a relação entre Corpo e Alma não existe dúvida, existe dógma, faz parte do dogma que Corpo e Alma são substâncias distintas. Mas, resta ainda o questionamento: A Mente e a Alma são a mesma coisa?

A cisão entre Mente e Corpo expõe, também, a soberania da razão sobre o corpo, ou ainda, da superioridade da razão sobre o sensível, como visto anteriormente em Platão, o mundo sensível é o mundo enganoso e o mundo das ideias é o mundo da verdade, sendo que, a verdade só pode ser alcançada por meio da razão, essa razão apartada do corpo, do sensível, do mutável. Desta forma é conceituado, também, a racionalidade Platônica e reforçada por Descartes.

Spinoza vai refletir e se contrapor ao pensamento dualista de seu mestre Descartes, buscando construir um pensamento que está ancorado na materialidade e no corpo, expondo como indissociáveis a mente e o corpo, uma unidade inseparável. Spinoza, com isso, vai questionar, também, essa racionalidade purificada dos afetos e com isso vai questionar a relação que dissocia Mente-Corpo, como uma construção da imaginação do homem, ou seja, uma ficção que o homem constrói para justificar o seu não conhecimento sobre si mesmo. Afirma Spinoza na *Ética*:

não podemos, pela decisão da mente, fazer qualquer coisa sem que dela tenhamos uma lembrança prévia. Por exemplo, não podemos falar nenhuma palavra sem que tenhamos dela uma lembrança prévia. Além disso, não está sob o livre poder da mente esquecer ou lembrar alguma coisa. É por isso que se julga que só está sob o poder da mente, por sua exclusiva decisão, a nossa capacidade de calar ou de falar aquilo do qual nos lembramos. Porém quando sonhamos que falamos,

⁵ Desde o início, quando a mente está confundida com a Alma está estabelecido a cisão.

julgamos que o fazemos pela livre decisão da mente, quando, na verdade, não falamos, ou, se falamos é por um movimento espontâneo do corpo. Também sonhamos que ocultamos certas coisas dos outros, o que faríamos pela mesma decisão da mente, a qual, quando acordados, nos faz calar o que sabemos.(EIII, prep.2)⁶

4.1 A CISÃO ENTRE MENTE E CORPO NO PENSAMENTO DE DESCARTES

Nos estudos de filosofia da mente Descartes (1596 - 1650) é citado como exemplo do pensamento dualista, que separa radicalmente Mente e Corpo, em que a matéria é comandada pela razão. Para Descartes tudo que existe é formado por duas substâncias, uma extensa e outra não, sendo a manifestação da substância extensa tudo aquilo que possui extensão, possui massa, portanto, ocupa lugar no espaço, a substância material e, por outro lado, a mente seria a substância não extensa, imaterial. Segundo Menon (2016) o pensamento dualista pretende propagar que:

Mentes seriam dotadas de pensamento e corpos de extensão. Corpos não pensam e mentes não ocupam lugar no espaço, não têm massa nem volume. Todavia, afirma Descartes (1983), há interação entre mente e corpo. Sendo o corpo totalmente passivo, é a mente que está no controle das ações. (MENON, 2016, p.74)

Busca-se aqui, portanto, refletir sobre como esse pensamento é exposto por Descartes em seu livro *Meditações*, para com base no texto do próprio autor buscar entender o pensamento dualista.

No Livro *Meditações* nos deparamos, já no subtítulo do livro, com um esclarecimento sobre a pretensão do autor, para seu livro: “*Concernentes à primeira filosofia, nas quais a existência de Deus e a distinção real entre a alma e o corpo do homem são demonstradas*” (Grifos meus). Destaco o subtítulo da obra por considerar que o autor deixa explícito sua intenção em demonstrar seu pensamento dualista. Ciente de que alguns afirmam que esse pensamento dualista não representa a totalidade do pensamento de Descartes:

Sabe-se, contudo, que “esses dois modos da substância” (cogitatio & extensio; Ad & Tan. VIII. p.31), afirmados por Descartes, “fixaram-se rapidamente no debate filosófico do século XVII, como um dualismo entre corpo e alma, e em seguida, no imaginário ocidental como herança cartesiana, associando-o a uma série de posições estranhas à doutrina do filósofo, algumas até explicitamente

⁶ Em todas as citações do Livro da Ética de Spinoza será utilizado esse formato para as citações: E, que indica Etica, III, para indicar, no caso, livro 3, prop, no caso, proposição 2.

rejeitadas por ele” (Levy, 2010, p.86). E esse fato é curioso porque Descartes já havia criado a Geometria Analítica que justamente é a demonstração matemática da união do intelecto com a “res-extensa”, como nos explica Gilles Granger (1968, p.48)(Chiarottino & Freire, 2013, p.158).

Destaca-se, também, por considerar que explicitar a informação, no subtítulo da obra, pressupõe que a dúvida, sobre a relação Mente-Corpo, já estava presente no contexto social de Descartes, é possível imaginar, inclusive, que houvesse opiniões contrárias ao pensamento dualista entre os contemporâneos de Descartes. Opiniões essas que deviam ser consideradas e mereciam uma resposta. Observa-se, então, como Descartes trata a questão na citada obra.

De início, na primeira meditação, intitulado: “*Das Coisas que se Podem Colocar em Dúvida*” (p.93), Descartes quer fazer o escrutínio de suas opiniões e ideias, para descobrir quais são verdadeiras e quais são falsas, para estabelecer bases firmes para o seu pensamento, como proposto pelas ciências nascentes na época. Inicia esse trabalho por afirmar que tudo o que entende por mais verdadeiro foi captado pelos sentidos, mas que percebeu, algumas vezes, que os sentidos podiam ser enganosos, mas que embora possam ser enganosos, há o que se percebe e não se pode duvidar: “que eu esteja aqui, sentado junto ao fogo, vestido com um chambre[...] E como poderia eu negar que estas mãos e este corpo sejam meus?” (p.94). Em seguida se indaga que pode estar sonhando, como muitas outras vezes já esteve sonhando e, naquele momento, acreditava que estava acordado e não encontra nada que lhe permitisse distinguir, sem sombra de dúvida, o sonho da vigília. E, refletindo sobre suas percepções, conclui a Meditação primeira, afirmando:

Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda a sua indústria em enganar-me. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos são apenas ilusões e enganos de que ele se serve para surpreender minha credulidade [...] Permanecerei obstinadamente apegado a esse pensamento; e se por esse meio não está em meu poder chegar ao conhecimento de qualquer verdade, ao menos está ao meu alcance suspender meu juízo. (DESCARTES.2022. p.30)

Na meditação segunda, “*Da Natureza do Espírito Humano; e de como ele é Mais Fácil de Conhecer do que o Corpo*” (p.99), inicia por discorrer que o que pôde atingir com as reflexões expostas na Meditação primeira foram dúvidas, mas que continuará a

duvidar até que possa encontrar algum ponto firme de onde possa partir para descobrir a verdade. Avalia que se tudo que conhece e conheceu pelos sentidos é falso, também, são falsas todas as suas memórias, seu corpo e todas as ações e expressões dele. Mas se tudo isso é falso, então alguém colocou essa imaginação em seu espírito? Quanto a esse questionamento, o autor afirma: “Isso não é necessário; pois talvez seja eu capaz de produzi-los por mim mesmo”(p.99).

Com isso está afirmando que prosseguirá em sua ação e irá questionar se para assim agir é preciso ser algo. Pois, mesmo negando que todo o percebido possa ser falso, fruto de um gênio ardiloso, para ser enganado é necessário que haja um ser e afirma: “eu sou, eu existo”. A seguir pretende averiguar o que é esse ser que afirma que é. Para esse questionamento Descartes fará sua primeira descrição de como vê o corpo e a alma, afirmando:

Eu me considerava, primeiramente, comotendo um rosto, mãos, braços e toda esta máquina composta de ossos e de carne, tal como aparece em um cadáver, a qual eu designava pelo nome de corpo. Além disso, considerava que me alimentava, que andava, que me sentava e que pensava e referia todas estas coisas à alma; mas não me detinha em pensar o que era esta alma, ou então, se me detinha, imaginava que era algo extremamente rarefeito e sutil, como um vento, uma chama ou um ar muito sutil que estava instalado e espalhado em minhas partes mais grosseiras.[grifos meus](DESCARTES, 2022, p.34-35)

Esclarecendo um pouco melhor a distinção entre corpo e alma:

Por corpo entendo tudo aquilo que pode ser delimitado por alguma figura;que pode estar compreendido em algum lugar e ocupar um espaço, de tal forma que qualquer outro corpo esteja dele excluído; que pode ser sentido ou pelo tato, ou pela visão, ou pela audição, ou pelo paladar, ou pelo olfato; que pode ser movido de diversas maneiras, não por si próprio, mas por alguma coisa estranha que o toque ou da qual receba a impressão. Com efeito, quanto ao fato de ter em si o poder mover-se, de sentir e de pensar, eu não acreditava absolutamente que se devesse atribuir estas vantagens à natureza corpórea; pelo contrário, eu ficava surpreso ao constatar que semelhantes faculdades se encontravam em certos corpos.(DESCARTES. 2022.p.35)

Descartes vai destacar como atributos da alma/mente a capacidade de mover, alimentar o corpo, sentir e pensar. É preciso destacar que Descartes associa ou trata como coisas idênticas Mente, Alma e Espírito, não discute qualquer distinção possível. É perceptível que a maioria dos atributos da alma/mente, apresentados por Descartes,

dependem do corpo. Em seguida Descartes irá afirmar que “o pensamento é um atributo que me pertence; só ele não pode ser separado de mim”(p.35-36). Afirmando que o que ele é está no pensamento:

se eu cessasse de pensar, cessaria ao mesmo tempo de ser ou de existir. Não admito agora nada que não seja necessariamente verdadeiro: não sou, portanto, falando com precisão, senão uma coisa que pensa, ou seja, um espírito, um entendimento ou uma razão [...]Eu sou uma coisa verdadeira e verdadeiramente existente. Mas que coisa? Eu o disse: uma coisa que pensa.[...]Não sou este conjunto de membros que se chama corpo humano (DESCARTES,2022.p.35).
[...]

não posso me abster de acreditar que as coisas corpóreas, cujas imagens se formam mediante meu pensamento e chegam aos sentidos, não sejam mais distintamente conhecidas do que essa parte desconhecida de mim mesmo que não cai sob a imaginação: embora seja de fato uma coisa muito estranha que as coisas que julgo duvidosas e distantes me sejam mais claramente e mais facilmente conhecidas do que aquelas que são verdadeiras e certas e que pertencem à minha própria natureza.(DESCARTES, 2022.p.38-39)

Descartes está constatando que possui dificuldade para conhecer seu espírito, ou aquilo que pensa, e conhece de forma direta tudo aquilo que pode ser captado pelos sentidos. Pode constatar a existência das coisas corpóreas de forma muito mais clara, no entanto, são essas as coisas das quais está colocando em dúvida o conhecimento que crê ter delas.

Na Terceira meditação, intitulada “*De Deus; que Ele Existe*” (p.107), Descartes aproxima a substância pensante a Deus e iguala o corpo às substâncias acidentais, ou seja, a *res-cogitans* a Deus e a *res-extensa* ao terrestre, o finito, acidental e perecível. Mas, como o objetivo dessa parte é a demonstração da existência de Deus, não nos demoramos nela. Da aproximação entre Deus e a *res cogitans* várias analogias podem ser feitas, como por exemplo a sua relação com a alma, que é imortal e que permanecerá, após o corpo perecer.

Na Quarta Meditação, intitulada, “*Do verdadeiro e do Falso*” (p.123), Descartes já inicia o texto afirmando que:

certamente a ideia que tenho do espírito humano, na qualidade de ser uma coisa que pensa, e não extensa em comprimento, largura e profundidade, e que não participa de nada pertencente ao corpo, é incomparavelmente mais distinta do que a ideia de qualquer coisa corpórea.(DESCARTES, 2022.p.67)

Após essa definição de si, vai concluir que por possuir esse espírito humano é que possui em si a ideia de Deus, e que sendo Deus perfeito não realizaria a ação do embuste, sendo o embuste, a enganação uma marca de imperfeição. Após a reflexão sobre as perfeições e imperfeições do homem, no entendimento e na vontade, Descartes vai afirmar:

agora não apenas sei que existo, visto que sou uma coisa que pensa, mas apresenta-se, também, ao meu espírito uma certa ideia da natureza corpórea, o que me leva a duvidar se esta natureza que pensa, que está em mim, ou antes pela qual eu sou o que sou, é diferente desta natureza corpórea, ou então se as duas são apenas uma mesma coisa.(DESCARTES, 2022.p.74)

Descartes não apresentará a resposta para o questionamento acima, mas durante toda a reflexão da quarta meditação irá discutir a razão da incerteza e como alcançar a verdade, separando tudo o que não se mostra claro e distinto ao entendimento e conclui que faz parte da imperfeição do homem não ter um entendimento que alcance todas as coisas, mas que possui a dádiva de afirmar, negar ou suspender o juízo daquilo que não conhece de forma clara e distinta.

Na quinta meditação, intitulada: “*Da Essência das Coisas Materiais; e, Novamente, de Deus, que Ele Existe*”. Descartes pretende verificar quais dúvidas pode abandonar quanto à existência das coisas extensas. Descartes Apresenta que Deus é a base para o conhecimento da verdade:

reconheço muito claramente que a certeza e a verdade de toda ciência dependem unicamente do conhecimento do Deus verdadeiro, de modo que, antes de conhecê-lo, eu não podia saber perfeitamente nenhuma outra coisa.(DESCARTES.2022.p.88)

Com a afirmação acima, Descartes, determina que toda a base para as certezas do seu conhecimento é o conhecimento de Deus que possui em si, e a justificativa de suas incertezas está na imperfeição do homem. Ou seja, todas as certezas advêm do conhecimento de Deus e todas as incertezas vem da imperfeição que tenho como ser humano. Só Deus é capaz de conhecer tudo.

A seguir a descrição aqui apresentada aproxima-se mais do pretendido na reflexão, na Meditação Sexta e última, com o subtítulo: “*Da Existência das Coisas Materiais e da Distinção Real entre a Alma e o Corpo do Homem*”, em que Descartes vai refletir sobre a verdade da existência das coisas materiais. A princípio ele vai dizer que é provável que

elas, as coisas materiais, existam, embora que quando ele pensa sobre elas se utilize da imaginação, faculdade essa que pode persuadir da existência de coisas que não existem.

acostumei-me a imaginar muitas coisas além desta natureza corpórea que é o objeto da geometria, a saber: as cores, os sons, os sabores, a dor e outras coisas semelhantes, embora menos distintamente. E, visto que percebo muito melhor estas coisas pelos sentidos por intermédio dos quais, e da memória, parecem ter chegado à minha imaginação, creio que, para examiná-las mais comodamente, convém examinar concomitantemente o que é sentir, e ver se, das ideias que recebo em meu espírito mediante esta maneira de pensar, que denomino sentir, posso obter alguma prova certa da existência das coisas corpóreas.(DESCARTES.2022.p.91)

Descartes irá afirmar que são os sentimentos e a percepção do corpo que lhe ensinará que está intimamente ligado ao corpo e que embora seja a coisa pensante a comandar esse corpo, não pode ignorar o que os sentidos lhe informa como a dor, a fome ou a sede, que todas essas sensações são pensamentos confusos que promovem a união entre o espírito e o corpo.(p.144), mas segue buscando demonstrar as diferenças que promovem a distinção entre corpo e espírito: “há grande diferença entre espírito e corpo, pelo fato de ser o corpo, por sua própria natureza, sempre divisível e o espírito inteiramente indivisível” (p.147).

A seguir vai descrever que o espírito se comunicaria, somente com o cérebro, não com o corpo inteiro, e que as impressões que o espírito recebe do corpo, são intermediadas pelo cérebro. Que o cérebro é a parte do corpo que receberia e interpretaria as sensações do corpo e se comunicaria com o espírito⁷:

quando sinto dor no pé, a física me ensina que esta sensação é transmitida por meio dos nervos dispersos no pé, que, encontrando-se estendidos como cordas desde esse ponto até o cérebro – quando são puxados no pé, puxam também simultaneamente o local do cérebro do qual procedem e no qual desembocam, e ali estimulam certo movimento que a natureza estabeleceu para fazer com que o espírito sinta a dor como se esta dor estivesse no pé.(DESCARTES. 2022.p.106)

Descartes então descreve, incluindo nessa descrição, também, nas notas que acompanham o texto, a mecânica do corpo em que o “sistema nervoso é apresentado como um feixe de fios que partem da periferia para o centro”. (p.148). Sendo que a forma

⁷ É perceptível no texto que Descartes fala em espírito ou alma, como a mesma substância, embora considere o papel do cérebro nos processos mentais, o cérebro como parte do corpo, mas comandado pelo espírito ou alma.

como o cérebro recebe a informação faz produzir no espírito uma ação que buscará a preservação do corpo. Assim como:

quando precisamos beber, nasce daí certa *secura* na garganta que move seus nervos e, por meio deles, as partes internas do cérebro; e este movimento leva o espírito a experimentar a sensação da sede, porque nesse momento não há nada que nos seja mais útil do que saber que precisamos beber para a conservação de nossa saúde e, assim, no tocante às outras coisas. (DESCARTES.2022.p.108)

Sendo a afetação do corpo produtora de reações mecânicas que visam a conservação do corpo, a conservação da vida, é esse mecanismo que justifica as falhas e enganos, advindos das percepções dos sentidos, Descartes cita o caso dos *hidrópicos*⁸. Esse tipo de falha se daria pela configuração mecânica do funcionamento do corpo e que o espírito não possui conhecimento absoluto, ou seja, sinto a necessidade de beber água, mas não sei, de forma clara e distinta, se é conveniente à minha saúde beber água ou não.

O autor apresenta a alternativa ao erro pela utilização do espírito do conhecimento armazenado pela memória, que permite a interligação das informações, para um direcionamento da ação mais adequada, em relação aos sentimentos e sensações do corpo. E, conclui ao final que para que não haja a falha é necessário que o espírito possa analisar, profundamente as circunstâncias.

Mas irá afirmar que embora possamos conhecer os motivos pelos quais erramos e os mecanismos dos nossos erros, na vida cotidiana, muito frequentemente, nos é exigido ações e decisões sem que tenhamos condições de exame apurado e que, embora a Metafísica nos permita refletir sobre nossas falhas, não nos apresenta as condições para não falhar, mas nos ensina sobre nossa finitude.

Haveria, segundo Descartes, uma comunicação entre o corpo e a alma pensante, através do cérebro, o que ocorreria na glândula pineal, ou o que a anatomia moderna nomeia de Hipófise. Comunicação essa que permitiria o processo de locomoção e percepção que ocorre no corpo, sendo que participa desse processo os espíritos animais.

Os espíritos animais teriam sua origem no processo em que partículas são filtradas no sangue e transportadas pelas veias para o cérebro, o cérebro produziria os

⁸ (latim *hydropicus*, -a, -um) adjetivo e substantivo masculino. [Medicina] que apresenta inchaço com acumulação excessiva de fluido; ou aquele que sofre de hidropisia. ("**hidrópicos**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/hidr%C3%B3picos> [consultado em 02-02-2023]).

espíritos animais e encaminha para os nervos. Os espíritos animais presentes nos nervos é que possibilitam os movimentos e as sensações.

Mas toda a descrição dessa comunicação considera o corpo humano como uma máquina conduzida por uma alma ou espírito, como objeto e ser. Segundo Alves (2019), no pensamento Cartesiano

Muito mais do que irracionais, diríamos que as paixões são fenômenos irracionais, dado serem alheios à razão. Desse modo, o conhecimento das paixões não pode ser considerado científico, por ser algo dependente da extensão, sendo contingente e particular [sendo que o] conhecimento claro e distinto advém unicamente do intelecto puro. Sendo psicofísico, o conhecimento das emoções carece de necessidade e universalidade. Situações iguais podem ocasionar resultados diferentes. Dois indivíduos frente a um cenário de perigo, por exemplo, podem possuir emoções e ações físicas distintas [...] Ademais, as alterações das emoções não seguem regras fixas, determinadas, causais. Não é possível estabelecer regras como “se fizer x, então ocorrerá y”. (ALVEZ, 2019, p. 62)

Muitas foram as críticas a esse pensamento de Descartes de cisão entre mente e corpo, também, devido às dificuldades demonstradas pelo próprio Descartes em seus textos, para demonstrar como se dava o papel de cada uma das substâncias na vida.

Nos dias atuais, pelas muitas e novas descobertas da medicina, da fisiologia, da neurociência, etc, não conhecidas à época, descobertas sobre o funcionamento do corpo e do cérebro, também favorecem a possibilidade de questionamento do pensador.

Muitos foram os críticos do pensamento dualista que centraram sua argumentação no fato de Descartes recorrer a Deus como justificativa para o que chamou de “pensamento claro e distinto”. Spinoza irá argumentar sobre o fato de Descartes utilizar-se de argumentos atribuídos a Deus para um pensamento claro e distinto, o próprio conceito de “pensamento claro e distinto” e, principalmente, contrariamente ao dualismo de Descartes.

4.2 MENTE-CORPO UM INDIVÍDUO EM SPINOZA

Spinoza (1632 - 1677) irá produzir grande parte de sua filosofia em diálogo com o pensamento de Descartes. Relativamente à ideia de Descartes de descrever o real

como composto por duas substâncias, *res extensa* e *res cogitans*, Spinoza irá afirmar que não existem duas substâncias, que existe uma única substância que é Deus.

Essa substância, Deus, é expressa na realidade, através de dois atributos, o atributo extensão, ou seja, tudo que é físico no universo, e o atributo pensamento que é tudo o que pode ser compreendido ou pensado, incluindo toda a lógica da natureza.

Porque a natureza é sempre a mesma, e una e a mesma em todas as partes é sua virtude e potência de atuar; quer dizer, que as leis e regras da natureza, segundo as quais se fazem todas as coisas e se transformam de umas formas em outras, são em todo tempo e lugar as mesmas; e portanto, una e a mesma deve ser também a razão para entender a natureza das coisas, qualquer que seja, a saber, meio de leis e regras universais da natureza. (Spinoza 2017, III, Prol [b]).

Segundo Spinoza, existem infinitos modos de expressão desses atributos, um desses modos é o homem, que participa do atributo extensão, pois possui existência física e participa do atributo pensamento, pois é capaz de aprender, compreender, de pensar, é um ser cognoscente.

Assim, o homem para Spinoza é um dos infinitos modos da expressão dos atributos, extensão e pensamento, sendo que, por necessidade, determinação natural, busca preservar sua integração, ou seja, preservar o que se é.

Embora Spinoza seja um racionalista, discípulo de Descartes, ele apresenta, o que pode-se chamar de uma cosmologia bastante distinta da visão de mundo de Descartes. Nesse sentido, enquanto Descartes irá estabelecer uma divisão substancial entre corpo e mente, pois seriam substâncias distintas, Spinoza irá conceituar “a mente como uma ideia do corpo” (p.115, EII). Nesse sentido, nos conceitos apresentados por Spinoza, a mente é uma ideia do corpo, o que demonstra, ao contrário de Descartes, a união entre o que é do corpo e o que é da mente. Está contido nessa conceituação de mente, que todo o corpo participa do pensamento, ou ainda, que o pensamento é um produto do corpo, assim como acontece em tudo que é vivo. Para confirmar essa conceituação da mente podemos citar, além de muitas outras passagens, a proposição 21 do Livro II da *Ética*, em que Spinoza afirma:

a ideia da mente está unida à mente da mesma maneira que a própria mente está unida ao corpo. [...]. Demonstramos que a mente está unida ao corpo porque este é objeto daquela (vejam-se as prop. 12 e 13). A ideia da mente, deve, portanto, pela mesma razão, estar unida ao seu objeto, isto é, à própria mente, da mesma maneira que a mente está unida ao corpo. C. Q. D. Escúlio.

Compreende-se muito mais claramente esta prop. pelo que foi dito no esc. da prop. 7. Mostramos ali, com efeito, que a ideia do corpo e o corpo, isto é (pela prop. 13), **a mente e o corpo, são um único e mesmo indivíduo, concebido ora sob o atributo do pensamento, ora sob o da extensão. É por isso que a ideia da mente e a própria mente são uma só e mesma coisa**, concebida, neste caso, sob um só e mesmo atributo, a saber, o do pensamento. [grifos meus] (EII,p. 115)

Assim como, para questionar a separação anteriormente proposta por outros filósofos entre mente e corpo, que atribuíam funções específicas às duas partes do homem, com o comando do corpo realizado pela mente podemos refletir com a afirmação de Spinoza na Proposição 2 do Livro III, de que:

Nem o corpo pode determinar a mente a pensar, nem a mente determinar o corpo ao movimento ou ao repouso, ou a qualquer outro estado (se é que isso existe).[...] a mente e o corpo são uma só e mesma coisa, a qual é concebida ora sob o atributo do pensamento, ora sob o da extensão. Disso resulta que a ordem ou a concatenação das coisas é uma só, quer se conceba a natureza sob um daqueles atributos, quer sob o outro e, conseqüentemente, que a ordem das ações e das paixões de nosso corpo é simultânea, em natureza, à ordem das ações e das paixões da mente. Isto torna-se igualmente evidente pela demonstração da prop. 12 da P. 2. Entretanto, ainda que a argumentação não deixe nenhuma margem para dúvida, acredito que, se eu não demonstrar isso por meio da experiência, os homens dificilmente se convencerão a examinar essas questões com equanimidade, a tal ponto **estão firmemente persuadidos de que o corpo, por um simples comando da mente, ora se põe em quando os homens dizem que esta ou aquela ação provém da mente, que ela tem domínio sobre o corpo, não sabem o que dizem, e não fazem mais do que confessar, com palavras enganosas, que ignoram, sem nenhum espanto, a verdadeira causa dessa ação.** [grifos meus](EIII, p.167)

Spinoza expõe que aqueles que afirmam que a mente é que comanda o corpo, definindo mente e corpo como duas substâncias distintas, afirmam, na verdade, que não conseguem entender as causas de determinadas ações humanas e, desconhecendo, criam ficções para explicar o que crêem, mas crer não é saber, e para confirmar a interdependência entre corpo e mente, irá buscar exemplos observáveis para reafirmar seu posicionamento:

não podemos falar nenhuma palavra sem que tenhamos dela uma lembrança prévia. Além disso, não está sob o livre poder da mente esquecer ou lembrar alguma coisa. É por isso que se julga que só está sob o poder da mente, por sua exclusiva decisão, a nossa capacidade de calar ou de falar aquilo do qual nos lembramos.(EIII,p. 169)

Com essa desmistificação da mente, Spinoza propõe conhecer o homem, seus pensamentos, afetos e paixões, da mesma forma que a ciência busca conhecer a natureza, considerando o homem inserido e regido, também, pelas leis e regras universais da natureza. Por isso, propõe que para conhecer as coisas, sejam quais forem essas coisas, devem ser avaliadas de acordo com as leis universais da Natureza:

Portanto, as afecções de ódio, de cólera, de inveja, etc., consideradas em si mesmas, resultam da mesma necessidade e da mesma força da natureza que as outras coisas singulares; por conseguinte, elas têm causas determinadas, pelas quais são claramente conhecidas, e têm propriedades determinadas tão dignas do nosso conhecimento como as propriedades de todas as outras coisas cuja mera contemplação nos dá prazer. Tratarei, portanto, da natureza e da força das afecções, e do poder da mente sobre elas, com o mesmo método com que nas partes precedentes tratei de Deus e da mente, e considerarei as ações e os apetites humanos como se tratasse de linhas, de superfícies ou de volumes (EIII, Prefácio, SPINOZA, 2017, p. 163).

O pensamento de Spinoza vai diferir bastante dos filósofos apresentados anteriormente, pois, aqueles filósofos pensavam as paixões como componentes irracionais e/ou animais do homem. Refletiam sobre a racionalidade como em oposição à percepção, os sentidos e as paixões, descrevendo, assim, o homem como um ser constituído de duas partes opostas, a mente e o corpo, em que a mente é vista como uma entidade incorpórea, que teria a capacidade e finalidade de dominar o corpo e suas forças instintivas.

Spinoza irá afirmar que a potência de agir do homem só se realiza, através do impulso causado pelos afetos e que não há vontade da alma, que livremente decide, sem que haja sobre essa vontade os apetites corpóreos, estabelecendo uma relação direta entre a potência do agir e a potência do pensar. Como afirma, na proposição 11 do Livro III, da *Ética*,

"Se uma coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de agir de nosso corpo, a ideia dessa coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de pensar de nossa mente". (EIII, prop.11, p.177)

Para explicar a singularidade da mente do homem, Spinoza afirma que é necessário conhecer a união entre o corpo e a mente do homem. O quanto o corpo humano

pode ser afetado e de quantas maneiras irá afetar a forma como a mente humana percebe as coisas. Como na Proposição 19, da Parte II, em que afirma: “A mente humana não conhece o próprio corpo humano e não sabe que ele existe senão por meio das ideias das afecções pelas quais o corpo é afetado”. (EII, p.113). Nesse sentido, o pensamento humano é o resultado das afecções do corpo. E, nessa composição do homem e das forças que agem nele e sobre ele, Spinoza irá afirmar:

Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser. [...] Com efeito, as coisas singulares são modos pelos quais os atributos de Deus exprimem-se de uma maneira definida e determinada (pelo corol da prop. 25 da P. 1), isto é (pela prop. 34 da P. 1), são coisas que exprimem de uma maneira definida e determinada a potência de Deus, por meio da qual ele existe e age. E nenhuma coisa tem em si algo por meio do qual possa ser destruída, ou seja, que retire a sua existência (pela prop. 4); pelo contrário, ela se opõe a tudo que possa retirar a sua existência (pela prop. prec.). E esforça-se, assim, tanto quanto pode e está em si, por perseverar em seu ser. (EIII, Prop.6, p.173)

Spinoza busca demonstrar que o homem sendo afetado por objetos exteriores, e pelas ideias dessas afecções internamente, passa por grandes mudanças e, através desse fato, busca esclarecer os afetos da alegria e da tristeza, afirmando que entende a alegria, quando o corpo e a mente está em estado de excitação ou contentamento, como a passagem da mente humana a uma perfeição maior e a tristeza, que é dor ou melancolia, a passagem a uma perfeição menor. Afirma, ainda, que alegria e tristeza, juntamente com o desejo, são os três afetos primários. Encontramos então a seguinte reflexão sobre o Desejo:

esse esforço, à medida que está referido apenas à mente, chama-se vontade; mas à medida que está referido simultaneamente à mente e ao corpo chama-se apetite, o qual, portanto, nada mais é do que a própria essência do homem, de cuja natureza necessariamente se seguem aquelas coisas que servem para a sua conservação, e as quais o homem está, assim, determinado a realizar. Além disso, entre apetite e desejo não há nenhuma diferença, excetuando-se que, comumente, refere-se o desejo aos homens à medida que estão conscientes de seu apetite. Pode-se fornecer, assim, a seguinte definição: o desejo é o apetite juntamente com a consciência que dele se tem. Torna-se, assim, evidente, por tudo isso, que não é por julgarmos uma coisa boa que nos esforçamos por ela, que a queremos, que a apeteçemos, que a desejamos, mas, ao contrário, é por nos esforçarmos por ela, por querê-la, por apeteçê-la, por desejá-la, que a julgamos boa. (EIII, Prop.9, p.177)

Spinoza irá afirmar que a mente humana é capaz de perceber e ser afetada por muitas coisas, sendo que será mais capaz quanto mais experiências possam afetar o seu corpo, pois o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras por corpos exteriores, assim como é capaz de afetar outros corpos de muitas maneiras. O que podemos refletir com as seguintes proposições:

Ora, tudo o que acontece no corpo humano (pela prop. 12) deve ser percebido pela mente. Portanto, a mente humana é capaz de perceber muitas coisas e é tanto mais capaz quanto, etc. (EII, Prop. 14, p.107)

A ideia que constitui o ser formal da mente humana não é simples, mas composta de muitas ideias. Demonstração. A ideia que constitui o ser formal da mente humana é a ideia do corpo (pela prop. 13), o qual (pelo posto 1) compõe-se de muitos indivíduos altamente compostos. Ora, existe, necessariamente (pelo corol. da prop. 8), em Deus, uma ideia de cada indivíduo que compõe o corpo. Logo (pela prop. 7), a ideia do corpo humano é composta dessas muitas ideias das partes de que é composto. (EII.Prop.15, p.107)

Na obra: *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar*, Spinoza, traz uma espécie de resumo da definição da mente humana, afirmando que pelo homem ser um ser finito, sua mente é uma modificação, ou poderíamos dizer, um modo de expressão do atributo pensamento de Deus (SPINOZA, 2017, p. 157).

Mente e corpo são uma única e mesma coisa, para Spinoza, que por vezes é analisada pela perspectiva de um atributo ou de outro, tanto que o filósofo vai afirmar que:

Uma ideia que exclui a existência de nosso corpo não pode existir em nossa mente, mas lhe é contrária [...] como (pelas prop. 11 e 13 da P 2) o que, primeiramente, constitui a essência da mente é a ideia do corpo existente em ato, o que é primeiro e primordial para nossa mente (pela prop. 7) é o esforço por afirmar a existência de nosso corpo. E, portanto, uma ideia que nega a existência de nosso corpo é contrária à nossa mente, etc. C.Q.D(EIII, prop.10, p. 177)

A conclusão até aqui é que mente e corpo são a constituição do indivíduo humano, que enquanto indivíduo não pode ser separado no que lhe constitui e que tudo que existe esforça-se por perseverar em sua existência, assim como, que o homem é capaz de pensar em relação com o meio, ou melhor, sendo afetado por outros corpos, sejam esses corpos externos ou internos, expressões do atributo extensão ou pensamento. Na interrelação com o meio é que o homem pensa, age ou padece pelos afetos.

Spinoza, na quinta parte da *Ética*, na introdução faz uma crítica à separação entre corpo e mente descrita por Descartes, primeiro descrevendo que

Descartes irá afirmar que o centro de operações da mente que controlaria o corpo e suas paixões, seria a glândula pineal e afirma:

Que compreende ele afinal, por união da mente e do corpo? Que conceito claro e distinto, pergunto, tem ele de um pensamento estreitamente unido a uma certa partícula de quantidade? Gostaria muito que ele tivesse explicado essa união por sua causa próxima. Ele havia, entretanto, concebido a mente de maneira tão distinta do corpo que não pode atribuir nenhuma causa singular nem a essa união, nem à própria mente, razão pela qual precisou recorrer à causa do universo inteiro, isto é, a Deus. Gostaria muito de saber, ainda, qual quantidade de movimento pode a mente transmitir a essa glândula pineal e com que forças pode mantê-la suspensa? [...] certamente não há qualquer relação entre a vontade e o movimento, tampouco existe qualquer relação entre a potência ou a força da mente e a do corpo. E, conseqüentemente, as forças do corpo nunca podem ser determinadas pelas forças da mente (EV, Introd. 2017, p.368-369)

Spinoza descreve o pensamento como o movimento de inter-relação mente-corpo e esse pensamento é contrária à forma de pensar de Descartes. Essa visão é a base do seu pensamento de como o homem pensa e age no mundo, ou ainda, como ocorre o pensamento do homem e os reflexos para pensar a Ética. É central na reflexão de Spinoza seu entendimento sobre os afetos, Tanto na construção do pensamento, como na ação do homem.

O homem em sua ação no mundo, afeta e é afetado pelo mundo, tudo no homem se desenvolve nessa interação de seu corpo com os outros corpos. Inclusive o pensamento ocorre em uma afecção interna em que a mente é afetada pela ideia do afeto do corpo. O homem será mais capaz de produzir pensamentos, quanto mais é estimulado pelos afetos alegres pelos quais é afetado.

5 FILOSOFIA DA MENTE E NEUROPSICANÁLISE ONDE SE ENCONTRAM?

Para se refletir sobre a pergunta título deste Capítulo se faz necessário, primeiro, falar sobre psicanálise, uma vez que as bases da neuropsicanálise é a psicanálise. A neuropsicanálise vai se utilizar dos conhecimentos teóricos da psicanálise e das verificações empíricas da neurociência para construir um novo arcabouço teórico dos Estudos da Mente, para o qual cunharam o termo Neuropsicanálise.

Freud criou um campo de estudos e tratamento do sofrimento psíquico. Em uma época em que havia alguns tratamentos para o corpo e o que não fosse físico era direcionado para o campo espiritual. E, buscando respostas para sintomas, expressados no corpo, mas não passíveis de serem curados com os tratamentos dirigidos ao corpo, é que Freud desenvolve uma terapêutica chamada psicanálise. Freud pretendia criar a psicologia científica e por meio do exercício da psicanálise realiza sua pesquisa sobre a psique humana que embasará sua teoria psicanalítica.

A escolha de refletir sobre a neuropsicanálise junto com a filosofia da mente, se deu, devido ao fato da neuropsicanálise unir e tornar objeto de estudo a relação corpo-mente. Observando e analisando o homem como um ser que possui duas perspectivas e que muitas vezes é analisado de forma compartimentada, utilizando como método, primeiro, a separação do que é da mente e o que é do corpo, no entanto, a neuropsicanálise e mesmo a psicanálise busca mostrar que não é possível compreender o ser humano em separado. Deixando claro que o corpo existe e a mente existe, não em separado, mas como uma coisa só.

O questionamento que dá título a esse Capítulo: “Filosofia da Mente e neuropsicanálise onde se encontram?” busca mostrar como a relação Mente-Corpo, se encontram nesses campos, para isso é realizada uma reflexão sobre a teoria do funcionalismo na Filosofia da Mente, que defende a materialidade da mente e a Neuropsicanálise que dentro dos novos estudos da mente, também, busca validar a ideia da materialidade da mente e a possibilidade de se complementarem os dois campos de saber, com a possibilidade de refletirem juntos sobre uma possível visibilidade material de processos mentais, como poderá ser percebido nas partes seguintes deste Capítulo.

5.1 FREUD - O SINTOMA E A MENTE

Bastante distante, no tempo cronológico, de Spinoza, Freud não menciona Spinoza na construção do seu pensamento, mas, no seu texto: *Um problema no caminho da Psicanálise (1917)*, faz algumas afirmações que Spinoza concordaria, como, por exemplo, que o ser humano, ao longo de sua existência, buscou justificar sua existência como sendo o ser central no universo, e que sendo contrariado pela ciência sofre as *três, principais, feridas narcísicas da humanidade* (Freud, 1917,p.183).

A primeira ferida narcísica, segundo Freud, foi causada por Copérnico quando afirmou que a terra não é o centro do universo, que os planetas não giram em torno da terra, mas a terra que gira em torno do sol, desconsiderando as descobertas posteriores de que, nem mesmo esse sistema solar é único ou central no universo, se houvesse um centro. Essa verdade se difundida abalaria toda a estrutura de poder da época, que se encontrava sob a égide da igreja e, para fugir da condenação, Copérnico nega sua ciência.

A segunda ferida narcísica foi produzida por Darwin quando afirmou que o homem é só mais um animal da natureza, fruto da evolução de sua espécie e não o ser criado por Deus a sua imagem e semelhança, o que Spinoza já havia afirmado antes. Mas Darwin demonstra através da descrição de várias espécies de animais, principalmente aves, a princípio.

A terceira ferida narcísica é a que está mais próxima da reflexão que aqui se busca, a relação mente-corpo, foi produzida pelo próprio Freud quando afirma que: “*O Eu não é senhor em sua própria casa*”. Freud,([1917-1920] p.186), defendendo com esse pensamento que o homem, que julgava ser detentor de uma razão soberana para o comando de suas ações, na verdade se engana, pois, não conhece o mais profundo de si mesmo, que comanda a sua ação, o inconsciente. Lembrando das palavras de Spinoza, o homem pode conhecer o seu desejo, mas não a causa que determina o seu desejo por isso ou aquilo. Freud constrói a teoria psicanalítica, como fundamentação para a busca do conhecimento da mente humana e aconselha a terapia psicanalítica:

Volte-se para si, para suas profundezas, e conheça antes a si mesmo; então compreenderá por que tem de ficar doente, e conseguirá talvez não ficar doente”. Isso a psicanálise quis ensinar ao Eu. Mas esses dois esclarecimentos, de que a vida instintual da sexualidade não pode ser inteiramente domada em nós, e de que os processos mentais são inconscientes em si e apenas acessíveis e submetidos ao Eu através de uma percepção incompleta e suspeita, equivalem à afirmação de que **o Eu não é senhor em sua própria casa**. Juntos eles representam a terceira afronta ao amor-

próprio humano, que eu chamaria de psicológica. Não surpreende, portanto, que o Eu não demonstre boa vontade com a psicanálise e se recuse obstinadamente a dar-lhe crédito. [grifos meus] (FREUD, 1917-1920, p.186)

Freud vai construir todo o seu pensamento com base na descoberta de que a ação humana é comandada, principalmente, pelo inconsciente. Produzindo toda uma estrutura teórica para a análise da mente, em que, na primeira tópica, em termos topográficos, definindo a mente como dividida em inconsciente, pré-consciente e consciente e na segunda tópica, incluindo novas categorias, em termos energéticos, dividindo a mente em id ou isto, ego ou eu, e superego ou supereu. Sendo que estas estruturas se desenvolvem na sua condição de relação com o mundo.

Com isso Freud vai descrever o homem como um ser biopsicossocial, um ser que participa da natureza, mas o ser humano, na natureza, é um dos mais frágeis ao nascer, depende inteiramente de outro ser para sua sobrevivência. A única vantagem que o ser humano possui é a relação que se estabelece entre a “função materna”⁹ e o bebê, o que insere o bebê em uma comunidade já estabelecida, essa condição atrelada à capacidade de aprender do homem irá produzir o homem como é. Esse ser tem sua construção produzida em comunhão com essa relação primordial.

Esse fato, também, pode esclarecer a afirmação de Spinoza de que “Logo, não há, entre as coisas singulares, nada que seja mais útil ao homem do que um homem, etc. C. Q. D.”(EIV, prop.35), ou seja, o ser humano só consegue seu melhor desenvolvimento por sua relação com os outros homens. Nesse sentido, a comunidade, a família, as relações que se estabelece entre os seres humanos são fundamentais e responsáveis pela formação do ser humano, para a alegria ou a dor.

Para Carla Laino Cândido, da Universidade de São Paulo, Freud, com sua teoria, questiona as teorias dualistas, pensando o homem como um corpo relacional, que é afetado em sua relação com os outros corpos e assim se desenvolve, aprende, se modifica e modifica o mundo. O aprendizado ou desenvolvimento estando totalmente ligado ao estar no mundo, agir no mundo:

Freud desenvolve uma perspectiva energética do psiquismo que, além de se aproximar da moderna teoria científica da complexidade auto-organizada, é capaz de questionar as definições e categorias dualistas que tradicionalmente são aplicadas à relação mente-

⁹ utilizo a expressão de Winnicott, apud Nasio (1995).

corpo. Com isso, Freud nos permite pensar em um corpo vivencial e multidimensional que difere do corpo abstrato da Modernidade, paradigmático ainda hoje para a maior parte das ciências que pesquisam o comportamento humano. A partir daí concluímos que, embora haja uma clara hegemonia do conhecimento biológico no estudo da mente, a contribuição freudiana que aponta a impossibilidade de traduzirmos completamente nossa experiência corporal em linguagem não pode ser ignorada, pois permite a conquista de uma nova racionalidade. (CANDIDO: 2003, p. 127)

Freud buscou responder algumas das perguntas que estão implícitas nesse trabalho, que é: Como funciona a mente humana? Quais as causas de nossos atos? Quais as causas de nossos desejos? Como nossos pensamentos, sentimentos e emoções produzem sintomas em nossos corpos? ou seja: Como se dá a relação mente-corpo?

A penúltima indagação: Como nossos pensamentos, sentimentos e emoções produzem sintomas em nossos corpos? Era uma questão médica objetiva, da época do neurologista Freud, que iniciou suas pesquisas sobre casos de Histeria. Na época o uso do termo se limitava ao público feminino, mas depois se expandiu também para homens, mas o termo foi mantido, apesar do significado do termo ter relação direta com o corpo feminino.

A **histeria** (do francês *hystérie* e este, do grego ὑστέρα, "útero") faz referência a uma hipotética condição neurótica e psicopatológica, predominante essencialmente nas mulheres. O termo tem origem no termo médico grego *hysterikos*, que se referia a uma suposta condição médica peculiar a mulheres, causada por perturbações no útero, *hystera* em grego. O termo *histeria* foi utilizado por Hipócrates, que pensava que a causa da histeria fosse um movimento irregular de sangue do útero para o cérebro. (Wikipedia - 01/11/2022 22:20)

Nasio (1995) para explicar a teoria Freudiana se utiliza de um esquema, utilizado pela neurociência, e que vai demonstrar a conexão mente-corpo. O exemplo utilizado para o “esquema neurológico do arco reflexo” é quando o médico bate no joelho do paciente com um martelo de teste de reflexo, para afirmar que quando o corpo recebe o estímulo externo, esse estímulo transforma-se em demanda de ação e a ação é a descarga da energia criada pelo estímulo externo. Ocorre uma tensão, quando o corpo recebe o estímulo, que é dissipada quando ocorre a ação do corpo, liberando a energia do impulso.

O princípio que rege esse trajeto em forma de arco é muito claro, portanto: receber a energia, transformá-la em ação e, conseqüentemente, reduzir a tensão do circuito (NASIO,1995. p.16).

No entanto, segundo Nasio (1995), essa trajetória em que ocorre o estímulo, a produção da tensão, que produz desprazer, em que se realiza a ação que descarrega a tensão, produzindo prazer, esse ponto de chegada, que seria o prazer, não acontece no psiquismo, pois, enquanto estamos vivos a tensão nunca se esgota. Por isso, na psicanálise o que se chamou de prazer no esquema do arco, será chamado de prazer-desprazer. Enquanto no arco existe uma entrada de estímulo externo produzindo a tensão, no psiquismo o estímulo é sempre interno, mesmo quando a excitação provém de uma fonte externa. É o corpo que recebe o estímulo do mundo, mas, o afeto é produzido internamente, após ser transformado em representante ideativo. Ou seja, como afirmado por Spinoza, o homem é afetado pela interpretação que faz do objeto e produz uma ideia, essa ideia se torna estímulo e produz a ideia da ideia, e assim sucessivamente. É o corpo sendo afetado e produzindo o afeto do afeto.

Numa palavra, a fonte da excitação endógena é uma marca, uma ideia, uma imagem, ou, para empregar o termo apropriado, um representante ideativo carregado de energia, também chamado representante das pulsões.(NASIO, 1995. p.18)

No psiquismo não há prazer absoluto, ou satisfação absoluta, por isso não acontece essa liberação total da tensão, por isso o psiquismo humano está sempre em tensão, pois estando o ser vivo, está envolto por fontes de estímulos e todas as respostas aos estímulos são “mediatizadas por uma representação, que só pode efetuar uma descarga parcial” (Nasio:1995).

Neste processo do estímulo, da demanda do desejo, para representação da ação da descarga parcial, existe o processo de recalque, como um filtro para a resolução do desejo. O que demonstra que se faz necessário reconceituar a razão para podermos afirmar onde ela se encontra nesse processo. Além de que existem inúmeras influências a serem consideradas como interferência ou como participantes do que se poderia denominar de atividade intelectual do psiquismo. Todo esse processo, questiona o que se chamou razão, como condutora suprema do pensamento humano. Uma vez que é visto a grande importância de sentimentos, emoções, afetos na ação humana, pois, assim como desenvolvido por Spinoza o que chamamos sentimentos são energias, impulsos de vida e que Descartes considerou que poderia desconsiderar para atingir a racionalidade humana.

5.1 A FILOSOFIA DA MENTE E A NEUROPSICANÁLISE

A filosofia da mente possui em seu arsenal teórico várias doutrinas que buscam responder à pergunta: O que é a mente? Além da discussão sobre a relação Mente-Corpo. Para essa reflexão foi escolhido a teoria do funcionalismo, da Filosofia da Mente, por seu grande alcance dentro de diversas ciências que se ocupam do estudo da mente ou utiliza o conhecimento desse campo para produção de outros conhecimentos ou tecnologias. E, foi pensado que essa teoria pode produzir um diálogo frutífero com a neuropsicanálise.

Para a doutrina funcionalista, mente é a função de executar determinadas tarefas, determinados processos para obter determinado objetivo. Embora possa parecer vago, o funcionalismo busca responder uma das perguntas fundamentais da Filosofia da mente. O que é a mente? O funcionalismo busca definir a mente pelo o que ela realiza. O que o funcionalismo chama de mente é o conjunto de operações neurais da mente, nesse caso, o cérebro é visto como um sistema que recebe um impulso e realiza um processo para produzir uma tarefa que objetiva um resultado. Para se saber se o sistema funciona basta checar se a relação causal entre input e output está funcionando.

Dennett, filósofo que busca realizar um estudo que tenta interagir filosofia da mente e biologia, contemporâneo do período deste escrito, com base na influência da inteligência artificial irá afirmar que a mente é o domínio do virtual, ou seja, “um conjunto de ficções úteis para explicar nossos próprios comportamentos e o de nossos semelhantes que além de humanos, podem ser animais ou máquinas”.

A utilização do termo virtual não é aleatória, pois, o virtual pode se materializar através de diversos suportes físicos, por exemplo um texto, que pode ser expresso em diversos suportes. O mesmo texto pode estar na tela do computador ou no papel, sem, por isso, alterar o que ele é. No funcionalismo não é a condição física de suporte que caracteriza o mental.

João Fernandes Teixeira (2008), em seu livro: A mente segundo Denett, irá apresentar o seguinte exemplo para conceituar o funcionalismo:

Uma noção intuitiva, mas ao mesmo tempo precisa, do que é o funcionalismo nos é proporcionada por Haugeland 11 . Ele nos convida a considerar o que está envolvido em um jogo de xadrez: se são as regras do jogo e a posição das peças, o tabuleiro ou se é o material, tamanho etc. de que é feito. Certamente são as regras e a posição das peças. Pouco importa se o bispo e o cavalo são feitos de madeira ou de metal, se o tabuleiro é grande ou pequeno. Em outras palavras, o jogo de

xadrez tem uma realidade independente do material que utilizamos para fazer as peças e o tabuleiro. Mas não haveria jogo de xadrez se não dispuséssemos de algum material para representar o tabuleiro, as peças, e as regras. Não podemos suprimir inteiramente o material com o qual construímos um tabuleiro e suas peças, mas podemos variá-lo quase indefinidamente. Ademais, as regras e estratégias do xadrez não serão redutíveis ao marfim se as peças forem desse material, tampouco ao plástico se elas forem de plástico e assim por diante (TEIXEIRA, 2008. p.15)..

Com isso, podemos concluir que para que exista o mental, ou conteúdos mentais, é necessário que exista um suporte material, com certas especificações, mas não especificações absolutas. O suporte físico é fundamental para que haja o mental, mas como é esse suporte, ou de que material é esse suporte, não irá impedir a existência do conteúdo mental.

Teixeira chama a atenção para a característica não reducionista do funcionalismo que é a tese da múltipla realizabilidade (multiplerealizability). Essa tese vai defender que, por exemplo, computadores diferentes fisicamente podem rodar o mesmo software, o inverso também é verdadeiro, computadores idênticos podem realizar diferentes tarefas com software diferentes, e vai afirmar, ainda:

um mesmo papel funcional, que caracteriza um determinado estado mental, pode se instanciar em criaturas com sistemas nervosos completamente diferentes. Um marciano pode ter um sistema nervoso completamente diferente do meu, mas se ele puder executar as mesmas funções que o meu, o marciano terá uma vida mental igual à minha. Como dissemos, isto é uma consequência do materialismo não reducionista: um rádio (hardware) toca uma música (software); a música e o aparelho de rádio são coisas distintas, irredutíveis uma da outra, embora ambas sejam necessárias para que possamos ouvir música (TEIXEIRA, 2008. p.15).

Podemos entender também que analisando as partes do rádio não encontraremos a música, ou mesmo o que está tocando a música no rádio. O rádio não é a música e a música não é o rádio, mas precisamos dos dois para que ocorra o fenômeno da música tocar e poder ser ouvida, ambos são indispensáveis, tanto o rádio, quanto a música.

O materialismo não reducionista dos funcionalistas leva-os a defender um tipo especial de teoria da identidade entre mente e cérebro chamada de “token-token identity”. A “token-token identity” sustenta que alguma instância de um tipo mental é idêntica a alguma instância de um tipo físico, sendo que este pode ser o sistema nervoso de um ser humano, de um marciano ou o hardware de um computador. Nesse sentido, o funcionalismo é uma espécie de materialismo/fisicalismo minimalista, no qual diferentes tipos de estados físico-químicos podem

manifestar um mesmo estado psicológico. Esta é, como vimos, a tese da múltipla instanciação, a qual tem dupla mão: diferentes estados psicológicos podem ser manifestados por um mesmo tipo físico-químico (TEIXEIRA, 2008. p.16).

O funcionalismo é um materialismo, como visto no que foi exposto acima, mas H. Putnam (1994) afirma que o funcionalismo foi uma reação contra o próprio materialismo. No materialismo somos essencialmente matéria e no funcionalismo somos importantes por nossas funções. Diz Putnam:

“A concepção computacional da mente foi, em si mesma, uma reação contra a ideia de que nossa matéria é mais importante do que nossa função, que nosso o que é mais importante do que nosso como” (PUTNAM, 1995. p.15).

No funcionalismo o cérebro tem propriedades não-físicas, ou seja, possui propriedade que não se pode definir como física ou química cerebral (PUTNAM, 1995). A partir desse ponto, Putnam irá questionar se estados mentais podem ser equivalentes a estados físicos do cérebro, afirmando que: é incorreto crer que a essência de nossa mente é nosso ‘hardware’ (Putnam, 1995, p.15). No livro “Representação e Realidade” de 1988 ele vai concluir que é incorreto comparar estados mentais com estados físico-químicos, assim como é incorreto a identificação de estados mentais com estados funcionais.

A filosofia de Putnam passou por algumas revisões sobre seus posicionamentos quanto ao funcionalismo. diz Putnam:

“Um par de décadas mais tarde, [provavelmente 1950] os pensadores materialistas (entre os que nesse momento se incluía o presente autor) acabaram declarando que ‘a mente é uma máquina de Turing’. É interessante perguntar-se por que tal afirmação nos parecia tão evidente (e lhes segue parecendo a muitos filósofos da mente)” (Putnam, 1994, p.34).O raciocínio era o seguinte: se todo o sistema físico segue as leis de Newton, se todo sistema físico é uma máquina, se o corpo humano é um sistema físico que segue as leis de Newton, logo, o corpo humano é uma máquina.

A máquina de Turing foi um modelo de máquina, a primeira invenção de Turing:

Turing pretendia que sua máquina hipotética fosse um modelo para todo tipo de dispositivo que pudesse computar qualquer coisa computável. Nossos computadores pessoais e mesmo os grandes computadores responsáveis por computar quantidades imensas de informação são

construídos segundo o modelo da Máquina de Turing.(MENON, 2016. p.125).

Em um artigo publicado em 1950, Turing, pretendendo discutir sobre inteligência de computadores, cria um experimento mental. No campo da Filosofia da mente vários experimentos mentais foram realizados buscando validar algumas hipóteses sobre a mente. Um experimento mental é a criação de uma suposta situação:

[...] A resposta que Turing (1950) fornece, no célebre artigo citado, ao problema das máquinas inteligentes surge em forma de um experimento mental que mudaria radicalmente o entendimento da natureza da mente. Turing descreve um jogo, chamado por ele de jogo da imitação, que requer três jogadores - um homem, uma mulher e um terceiro jogador, que pode ser homem ou mulher, [...] o interrogador. [...] No jogo, o interrogador deve ficar em uma sala isolada dos outros dois jogadores. Eles podem se comunicar apenas escrevendo [...]. O objetivo do interrogador é descobrir qual dos jogadores é o homem e qual é a mulher. [...] Turing (1950) faz, então, a seguinte pergunta: O que aconteceria se substituíssemos o jogador masculino por uma máquina? O interrogador continuaria a se enganar sobre qual é o homem e qual é a mulher, da mesma maneira que acontecia quando havia apenas jogadores humanos? [...] A inteligência, conclui Turing (1950), consiste na habilidade de usar a linguagem tal como nós fazemos. Para esse matemático inglês, em algumas décadas [...] os computadores evoluiriam tecnicamente a ponto de responderem a questões elaboradas por seres humanos de maneira tão precisa e imitando tão bem as respostas de um ser humano que um interrogador, após cinco minutos jogando o jogo da imitação com o computador, seria incapaz de distingui-lo de um ser humano. (MENON, 2016. p125-126)

Na busca de refutar Turing, no seu experimento mental do Jogo da imitação, que tinha por objetivo afirmar a existência de uma inteligência da máquina, “Searle (1997) nega que passar no teste de Turing exija algum tipo de inteligência” (Menon, p.212), para fazer essa refutação propõe o experimento mental do *quarto chinês*.

Nesse experimento uma pessoa ficaria em um quarto, sem comunicação com o externo. Receberia questionamentos em chinês e tendo um livro de instruções seria capaz de enviar ao outro lado as respostas corretas, em chinês, sem ter conhecimento da língua, ou seja, sem ter nenhum conhecimento do que está sendo perguntado ou do que está enviando como resposta. Desta forma Searle (1997), busca afirmar que não há processo cognitivo, não há saber, não há inteligência. A pessoa que responde às perguntas faz o mesmo que o computador, responde a comandos sem pensar sobre eles. Portanto, a inteligência não participa do processo (Menon, p.212-215).

Outro grande questionamento da Filosofia da Mente é sobre os estados mentais. Nenhum outro ser é capaz de acessar o cérebro de um indivíduo, a não ser o próprio ser. O estado mental da dor, por exemplo, é uma experiência que só o próprio indivíduo toma conhecimento, mesmo que esse apresente todas as características comportamentais de dor, o estar sentindo dor só poderá ser atestado pelo próprio sujeito.

Muitas são as áreas do conhecimento interligadas no estudo da mente. No atual estágio da ciência, para a produção de uma argumentação sobre a mente é necessário a consideração de diversas outras áreas, além da Filosofia. É necessário a consideração da neurociência, por exemplo, que cada vez mais busca identificar áreas do cérebro para tentar desvendar seu funcionamento. Contribuindo, inclusive, para inúmeros avanços para a medicina, nos estudos da cognição, da psicologia e da psicanálise. A filosofia da mente está presente em todas essas discussões. Tendo o papel de questionar, muitas vezes, o que é julgado por óbvio ou por já resolvido e, assim, se insere na ciência moderna. A filosofia é a base do pensamento científico, por isso, está presente em todo arcabouço de qualquer teoria que se pretende científica.

Mark Solms (1999), o inventor do termo neuropsicanálise buscando demonstrar que o homem é um sujeito cognoscente, que opera sua existência por meio da intrínseca conexão entre corpo e mente, vai afirmar que:

Freud, que antes de ser o fundador da psicanálise era um neurologista, afirmava que os afetos só eram sentidos quando eram "lidos" no córtex, embora não houvesse nenhuma evidência para a visão de que eles são transmitidos de órgãos terminais no interior do corpo, para o córtex por meio de "prolongamentos ou ramificações da camada cortical". Há, no entanto, um apoio crescente para a visão que os afetos emanam do interior visceral do corpo (ver Damásio, 1994, 2018). Freud pensou que isso afeta o registro "oscilações nas tensões das necessidades de impulso" (1940, p. 198), e ele definiu "impulso" como "o representante psíquico dos estímulos originários de dentro do organismo e alcançando a mente, como uma medida da demanda feita sobre a mente para o trabalho em consequência de sua conexão com o corpo"(Freud, 1915a, p. 122). Em outras palavras, as "exigências corporais feitas à mente, para o trabalho", são sentidas como afetos. Com base nisso, Damásio escreveu que "as percepções de Freud sobre a natureza de afeto estão em consonância com os mais avançados contemporâneos pontos de vista da neurociência"(SOLMS, 1999. p.38).

A citação acima do mecanismo percorrido pelo afeto é condizente com a afirmação de Spinoza de que "o pensamento é o mais poderoso dos afetos". Considerando-se assim que o que vulgarmente denominamos como sentimentos é a interpretação do

cérebro de uma percepção do corpo, ou ainda, a representação da interpretação do cérebro de uma percepção do corpo. Assim como na seção anterior, foi esclarecido por Nasio sobre a descrição de Freud sobre a afetação, ou o estímulo recebido, que é sempre uma representação da realidade.

No mesmo artigo de onde foi retirada a citação acima, “*Os fundamentos neurobiológicos da teoria e terapia psicanalítica*” (tradução minha), Mark Leonard Solms, afirma que o ser humano é um animal que nasce hereditariamente marcado com várias necessidades básicas e que nosso cérebro atua para aprender as formas adequadas para suprir essas necessidades em sua interação com o mundo. Nesse processo o cérebro está intimamente ligado com o corpo, com o meio e busca produzir previsões eficientes para as demandas do corpo, sejam elas físicas ou emocionais.

Nesse processo o cérebro iria armazenando experiências, ou dados para previsões de ações, necessárias para suprir as necessidades, que se tornarão hipóteses, pois nem sempre serão adequadas para suprir as necessidades da pessoa. Sendo que, as demandas emocionais estão na base desse aprendizado. Nesse sentido, não há decisão que não seja intermediada pelas necessidades emocionais. Através da busca de suprir as necessidades emocionais é que o sujeito alicerça suas bases de ação no mundo. As primeiras interações do homem com o mundo é que formarão a base, conforme as interações vão aumentando e tornando-se mais complexas, também, a forma de pensar e realizar os processos para as previsões, para suprir as necessidades vão tornando-se, também, mais complexas.

Pensando na proposição acima, pode-se concluir que o cérebro é um órgão do corpo humano, que, no nascimento já possui as condições físicas para operar de acordo com o processo descrito acima (em condições normais). Isso decorre, segundo Freud, na psicanálise e/ou Solms, na Neuropsicanálise, pois o homem é o resultado da evolução de sua espécie, que propaga seus genes que estão programados com estas condições básicas. Sendo assim, existe o fator genético e a questão física da constituição do cérebro. Visto dessa forma, pouco ou nada o cérebro se diferenciaria de uma máquina. Mas, para pensar sobre essas similaridades podemos pensar nos gêmeos, nascidos em condições absolutamente idênticas, mas, ainda assim, são pessoas, muitas vezes, muito diferentes.

A experiência subjetiva de cada ser humano é única e exclusiva. Como falado anteriormente, o sujeito é afetado por sua interação com o mundo, e produz sobre essa afetação uma interpretação, que produz uma representação dessa interpretação, que irá afetá-lo internamente, que se torna um estímulo interno, que produzirá uma outra

interpretação e uma representação dessa interpretação, em uma constância frenética enquanto o indivíduo estiver vivo. Além, de que, essas interações vão constituindo marcas de memória, marcas na subjetividade desse sujeito, ou seja, a mente vai sendo forjada na medida desses encontros com o mundo.

É visível que o problema corpo-mente, hoje em dia, atinge um vasto campo de conhecimento, não restrito ao campo da filosofia, fazem parte da discussão as descobertas da neurociência, da psicanálise, da computação com a inteligência artificial, da biologia, da medicina, da psiquiatria e outras ciências que estão inseridas na discussão sobre o homem. Além de que nenhuma delas pode ignorar as afirmações dos demais campos. Só é possível uma reflexão, com a merecida profundidade, em diálogo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação mente-corpo, uma problematização proposta pela Filosofia da Mente, é uma demanda que traz em seu bojo vários outros questionamentos como por exemplo: O que é a mente? O que é a alma? O que é o homem? O que é a racionalidade? O que faz do homem um ser racional? É possível explicar todo comportamento humano? É possível padronizar a conduta humana? Qual o papel dos sentimentos e emoções na vida dos homens? Além de uma infinidade de outros.

Em se tratando de um trabalho dentro do campo da Filosofia da Mente, poderia ter começado pelo pensamento de Descartes sobre a relação mente-corpo, já que ele é o pensador do qual mais se fala sobre o pensamento dualista na Filosofia da mente, mas, surgiu a suspeita que Descartes dava continuidade a uma forma de pensar o homem, a mente, a racionalidade humana, que ele atualizava um pensamento já existente.

Por isso decidiu-se por buscar o início conhecido da expressão desse pensamento, sem certeza, foi iniciado nos textos de Homero, buscando verificar como era concebida a mente naquele período, e pensando em Descartes, buscando entender como era vista essa relação Mente-Corpo. Nessa investigação encontrou-se alguns autores que, com base no estudo dos textos gregos, principalmente, como tradutores, buscam extrair do significado de alguns termos nos textos homéricos a forma do pensamento do período. E, observando um estudo de Reale (2001), principalmente, citado por outros autores, de termos relacionados aos processos mentais, pensamentos, sentimentos e emoções, foi possível perceber que, o que chamamos de mente hoje em dia é descrito estando espalhadas, essas funções mentais, pelo corpo do guerreiro de Homero,

Na pesquisa sobre os textos homéricos é possível perceber que os conceitos de homem, de existência, de mundo, se modificam na história do pensamento. Como o relatado nos escritos de Homero, quando vemos que o ímpeto, o desejo, a coragem, eram localizados em vários órgãos e que até mesmo a alma, como sopro de vida estava localizado no pulmão, pois estava associado à respiração. Além de que a conceituação de mente que não faz menção ao cérebro e que pouco ou em nada se aproxima da conceituação de mente de nossa época.

Diante disso é difícil falar sobre a relação mente/corpo, uma vez que nem mesmo a definição de mente se aproxima do que chamamos de mente hoje em dia. É possível perceber uma grande dispersão do que chamamos hoje de funções mentais.

Na análise seguinte, partindo então de uma dispersão das funções mentais no corpo do guerreiro homérico, nos pré-socráticos essa dispersão começa a dar lugar a uma discussão mais delimitada, embora aquela visão não tenha desaparecido, surge o questionamento sobre como e onde o pensamento ocorre. Foi encontrado que para muitos dos pensadores pré-socráticos o homem recebe da natureza ou dos elementos essenciais da natureza, água, terra, ar e fogo, o substrato para o pensamento que é processado no coração ou no cérebro. Os pensadores da época estavam buscando entender qual era a essência, a origem da vida, afirmando que um ou todos os quatro elementos eram o produtor da vida e, assim também, do pensamento.

Alguns defendiam a importância do ar, do fogo, da água, na produção do pensamento no homem, alguns defendiam que o pensamento ocorreria no coração, outros no cérebro. Nessa disputa é preciso destacar o pensamento de Hipócrates, que destoava de muitos, descrevendo o funcionamento do cérebro e de funções mentais que se aproximam muito do pensamento científico do século XX. Mas, nesse período, que parte de uma dispersão do período anterior, surgem tentativas reflexivas de reunir as funções cerebrais em um órgão do corpo humano, o cérebro, mas isso não aparece como ponto pacífico até a modernidade. Pois, ocorre, como visto, a divergência entre localizar o pensamento no coração ou no cérebro.

Na Filosofia Clássica, Platão e Aristóteles irão apresentar a Alma/mente tripartite. Para os dois pensadores a Alma/mente é dividida em três partes, sendo duas delas ligadas ao corpo e a terceira não. É perceptível que o pensamento sobre a mente, visto nos textos homéricos, ainda estão presentes.

O pensamento dualista está presente no cerne dos postulados de Platão, podendo ser demonstrado com a teoria das formas ou mundo das ideias, pois, o mundo sensível para o pensador é o mundo do engano, da escuridão, das opiniões e das crenças e só é possível alcançar o mundo da verdade, da beleza, da justiça, da perfeição, no mundo das formas. Assim como, e também por isso, a Alma racional é a única capaz de alcançar o mundo das formas, e deve dominar e comandar as almas irascível e apetitiva, ambas ligadas ao corpo.

Este pensamento dualista servirá de base, inclusive, para classificar a população de sua cidade ideal, descrita em A República. Na República a alma desejante é a mais básica, aquela que comanda as necessidades básicas do ser humano, no corpo está localizada nos membros e no baixo ventre, na cidade deve ocupar as funções de artesãos, pequenos comerciantes, aqueles que realizam os trabalhos; a irascível, localizada

na região do peito, está ligada aos impulsos, a coragem e ao prazer, seria o guerreiro, que movido por seus desejos, precisa ser comandado e desenvolver a disciplina e a obediência e a racional seria a alma dos Filósofos, capazes de abstrações complexas e de desenvolvimento para o comando. As duas primeiras estando ligadas ao corpo e a racional ligada a mente/Alma, que estaria localizada na cabeça e destinada ao comando das outras duas. Platão utiliza vários mitos, para ilustrar sua doutrina dualista, dentre elas o mito da caverna para mostrar a busca do conhecimento e a separação entre mundo sensível e mundo inteligível.

E, quando acontece de se associar a Mente à alma, em que a Mente/Alma ganha o estatuto de imortal, ligação com o divino, essa entidade Mente/Alma vai expressar a dualidade mente-corpo, em que essas duas categorias representam uma hierarquia de inferior e superior, que irá influir sobre todas as coisas, em que a Mente/Alma terá nela mesma uma parte superior, incorruptível, no sentido que Aristóteles dá ao termo corrupção, imortal, elevada, sendo nesta parte da Mente/Alma que está a intelectualidade do homem, que demonstra uma conexão com os deuses.

Ligada a essa descrição está as Almas tripartidas de Platão e Aristóteles, em que a parte que contém a intelectualidade deve submeter, controlar, dominar as outras duas partes dessa Alma que estão ligadas ao corpo. Nessa cisão mente-corpo as partes que representam os instintos de sobrevivência e emocionais, devem ser dominadas e/ou ignoradas em prol da superioridade da alma imortal.

Em Aristóteles, também, tem-se um livro todo “*De Anima*” dedicado a refletir sobre a Alma Tripartite, em que é descrito a Alma/Mente dividida em Alma Apetitiva, Sensitiva e Intelectiva, da mesma forma que Platão, as duas primeiras estão ligadas ao Corpo e a Intelectiva, ou seja, a parte da Alma que estaria ligada ao raciocínio, inteligência.

É perceptível que tanto Platão, quanto Aristóteles sacralizam e idealizam a racionalidade. Platão idealiza a racionalidade construindo um mundo das ideias e descrevendo o mundo físico como o espaço do engano e da escuridão. Aristóteles no “*De Anima*” expressa uma certa dificuldade nessa sacralização do intelecto puro.

Na Modernidade Descartes e Spinoza vão discutir sobre *res - extensa* e *res - cogitans*, a extensão e o pensamento, Descartes vai afirmar que tudo que existe se divide em duas substância, a extensão e o pensamento, de certa forma, retoma o pensamento de Platão, concluindo que o conhecimento adquirido pelos sentidos é enganoso e que só o pensamento racional permite o conhecimento da verdade inquestionável. Além de que,

refletindo sobre o que é o homem, concluir que é um ser pensante, a despeito da extensão, o que lhe define é sua racionalidade.

No trabalho aqui apresentado é feita menção à existência de alguma divergência com relação a classificação de Descartes como um dualista, pois há quem negue, ou não considera isso importante, no entanto, no livro *Meditações de Descartes*, é visto que é a distinção entre mente e corpo que Descartes pretende demonstrar, afirmando que Mente e corpo são duas substâncias distintas e que a mente é o centro de comando de um corpo, que não realiza nada sem o comando da mente e que, quando o corpo interfere no pensamento torna-o confuso. Além de reafirmar o que Platão já havia dito antes, que o mundo em constante mudança não nos permite conhecer a verdade, por ser peregrina e mutável.

Spinoza vai discutir com o pensamento de Descartes dizendo que não existem duas substâncias, mas apenas uma única substância que é Deus e que o homem não é composto por duas substâncias distintas, pois é um modo de expressão que participa de dois atributos da substância, que assim forma um indivíduo. Ou seja, matéria e pensamento formam um indivíduo, no modo (modificação) homem. Diferente dos pensadores anteriores, que falavam de mente/alma, tanto Descartes quanto Spinoza vão falar sobre a mente.

Enquanto Descartes vai falar sobre a glândula pineal, como central de comando e dos espíritos animais que percorrem o corpo, Spinoza vai afirmar que a Mente é uma ideia do corpo. Descartes vai colocar a razão como o grande atributo do homem, capaz de controlar o corpo, ou ainda, que a razão despojada do sensível poderia alcançar a verdade das coisas. A razão como uma dádiva divina.

De forma totalmente contrária Spinoza vai classificar sentimentos e emoções como pensamentos, resultados das afetações do corpo. O corpo é afetado pelo mundo, pela realidade e produz uma ideia dessa afetação, essa ideia afeta o homem, internamente, e produz a ideia da ideia e assim sucessivamente. Esse pensamento de Spinoza está mais próximo dos estudos da mente de hoje em dia, alguns estudos da neurologia, assim como, da psicanálise e da neuropsicanálise

Na modernidade a alma tripartida desaparece, mas o conceito de mente ainda está ligado ao de Alma e o próprio Deus é o dono da racionalidade purificada da existência, ou ainda, a racionalidade é a parte do homem que lhe aproxima da divindade e o corpo deve ser instrumento da razão em honra a Deus.

No entanto, ainda na modernidade essa ideia vai ser criticada e até

contraposta. Spinoza vai contestar Descartes nessa desconsideração do corpo e afirmar que por não entender o homem cria ficções para, com palavras enganosas, justificar a cisão entre corpo e alma, entre o homem e a natureza, entre a razão e os afetos. O homem criaria ficções para propor como conhecimento aquilo que crê, mas que, crer não é saber.

Segundo Spinoza não há razão sem os afetos, assim como não há mente sem corpo e vai atribuir ao desconhecimento a afirmação de que a razão deve desconsiderar os afetos do corpo. Esse pensamento vai nortear mais tarde o pensamento de Freud. Não que Freud declare que recebeu influências de Spinoza, mas seu pensamento demonstra não contradizer o que antes falava Spinoza.

Como o relato sobre as três feridas narcísicas em que Freud afirma ser o causador da terceira ferida narcísica, quando afirma que a razão não comanda tudo e que a razão não tem esse poder todo, afirmando, após a descoberta do papel do inconsciente na vida do homem. Que “O homem não é senhor em seu próprio castelo”. (descobertas recentes da neurologia afirmam que pouco mais de 10% dos processos mentais são conscientes, mais de 80% são inconscientes). Freud vai comprovar que as causas de muitas das ações do homem está no inconsciente. Além de que, esse inconsciente e seu consciente são formados na interação com o mundo.

A partir do período de Freud começa uma busca pela valorização do material, do físico e do corpo, da existência e não do além mundo. O corpo deixa de ser considerado como fonte do erro, do engano, e passa a ser objeto de estudo, inclusive no estudo do espírito, ou da mente e não só em sua expressão de inteligência, racionalidade e comportamento, mas no mais recôndito da mente, o inconsciente. Freud, parte da neurociência, passa pela hipnose e cria a psicanálise como um método de estudo da mente humana e de tratamento das doenças da alma.

Alguns, carregados de uma visão do senso comum, dizem que o século XX foi o século da mente. É nesse período que surge a Filosofia da Mente, mas é, também, um período de grandes avanços da neurologia, desde a década de 20,30 com os estudos da frenologia, com a busca de identificar anatomicamente as personalidades das pessoas e que serviu de respaldo científico para ações, públicas e privadas, de preconceitos e extremismos, até os mapeamentos de funções cerebrais que contribuíram com muitos tratamentos e muitos avanços nas pesquisas na ciências da mente.

As últimas décadas do século XX, também, foram marcadas pelo surgimento da inteligência artificial, que acaba por expor uma grande fragilidade da condição humana, pois, se a característica principal do ser humano é sua racionalidade,

vista como racionalidade pura, sem a interferência de sentimentos e emoções, que lhe permite cálculos, resolução de problemas e habilidades para criar novas tecnologias e objetos, o que é a razão humana, se seu desempenho pode ser realizado por máquinas?. A inteligência artificial demonstra que essa “inteligência” não precisa ser humana para beneficiar os humanos. O que faz ressurgir uma velha questão: O que é a razão humana?

Paralelamente a essa reflexão está a constatação do campo das ciências da mente que traz os estudos da subjetividade, de que o ser humano é um ser complexo, adaptável e que apesar de todos os avanços, somente o próprio indivíduo pode ter acesso à maioria de seus próprios processos mentais. Só o indivíduo pode saber como é sentir a dor que ele próprio sente.

Com essa constatação é que Mark Solms juntou sua pesquisa na área da neurologia com a psicanálise, pois, Freud criou a psicanálise como uma técnica de análise da expressão do inconsciente nas ações do homem, ou seja, a parte mais desconhecida da mente, parte que nem mesmo o próprio sujeito tem consciência, mas que através da psicanálise se aproxima de um acesso. Juntando as duas áreas, o cientista pretende observar a mente em suas duas perspectivas, como nos termos de Spinoza, nos dois atributos dos quais participa, a extensão e o pensamento.

Na Filosofia da mente o problema da relação mente/corpo é um dos pontos que dividem materialistas e não materialistas, para se contrapor aos materialistas, radicais, que afirmavam que a mente era material é que surge o funcionalismo, que vai afirmar que o mental são os processos que ocorrem, que dependem de um suporte, mas não se reduz ao suporte. Nesse caso, mente e cérebro são co-dependentes, vai considerar, também, a necessidade da interação do homem no mundo, mas vai considerar possível a comparação entre a mente humana, a mente animal e a mente artificial, pois, vai considerar a função realizada como definidora de mente.

Esse pensamento vai se diferenciar pouco do pensamento sobre a razão cartesiana. O funcionalismo e a Neuropsicanálise, os temas do último capítulo do meu trabalho vão convergir, na ideia de que é possível analisar as condições materiais, através da neurologia, de funções mentais, analisadas, por meio das bases teóricas da psicanálise, que irão respaldar achados materiais por meio de imagens neurológicas. É a retomada da análise do homem em duas perspectivas: *res-extensa* e *res-cogitans*.

Longe estamos de conhecer e de responder: O que é a Mente? Mas a admissão da complexidade que envolve essa questão tem se mostrado como o melhor caminho. Muitas iniciativas no campo de estudos da Mente, tiveram como objetivo a

simplificação de processos complexos, para com isso produzir prescrições de entendimento sobre a mente humana, ou utilizar os conhecimentos obtidos sobre a mente com objetivos de manipulação e dominação.

O percurso aqui apresentado mostra reflexões frutíferas, mas que, algumas vezes apresentou ideias de respostas sobre o que é a mente, o que é a racionalidade humana como verdades dogmatizadas. Os novos estudos da Filosofia da Mente e dos estudos em geral sobre a mente, chamam para uma retomada da discussão sobre o que é a Mente e faz com que seja questionado, também: O que é a racionalidade humana? Uma vez que muitos pensadores, como os que aqui foram apresentados, julgavam que estas questões estavam respondidas.

No momento atual em que nossa racionalidade rivaliza com uma suposta racionalidade pura das máquinas, se faz necessário e importante retomar vários dos questionamentos deste campo, como por exemplo: O que é a Mente? O que é a racionalidade? O que é inteligência? Para a retomada desses questionamentos retomo a descrição de Spinoza quanto a Mente:

Com efeito, a mente não conhece a si própria senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo (pela prop. 23). Mas não percebe o seu corpo (pela prop. 19) senão por meio dessas ideias das afecções, e é igualmente apenas por meio dessas afecções (pela prop. 26) que percebe os corpos exteriores. (SPINOZA, EII, prop. 29. 2017).

7 REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES, 384-322 a.C A75d **De Anima** / Aristóteles; apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. — São Paulo: Ed. 34, 2006.

CANDIDO, Carla Laino. Freud: Um Monista Mentalista? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, Vol. 19 n. 2, pp. 127-133, Mai-Ago 2003.

CAIRUS, HF., and RIBEIRO JR., WA. **Textos hipocráticos**: o doente, o médico e a doença [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. História e Saúde collection. 252 p. ISBN 978-85-7541-375- 3. Available from SciELO Books .(consultado - 13/06/2022, 09:10 em: <https://static.scielo.org/scielobooks/9n2wg/pdf/cairus-9788575413753.pdf>

CASTRO, Fabiano. Alma, Corpo e a Antiga Civilização Grega: As primeiras Observações do Funcionamento Cerebral e das Atividade Mentais. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**. Vol 24, p.798 -809, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/K9Npcp7GXNCP8CTkvdmVC3M/?lang=pt>. Acesso em 15 de abril de 2022

CHIAROTTINO. Zélia Ramozzi e FREIRE. José Josefran. **O dualismo de Descartes de sua Filosofia Natural**. Revista Usp. Estudos Avançados, 79: 2013. <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68709/71289>

DESCARTES, Rene. **Meditações metafísicas**. Trad. Gentil Avelino Tilton. [livro eletrônico] editora Vozes, Petrópolis, Rj, 2022.

DONATELLI. Marisa Carneiro de Oliveira Franco. **“Conarius” e memória na carta de Descartes a Mersenne** - <https://www.scielo.br/j/ss/a/DQsBZBPQJyqXfwGcRCGmvBn/?lang=pt&format=pdf> (acessado em 16/09/2022 – 10h).

FREUD, S. **História de uma neurose infantil** : (O homem dos lobos) ; Além do princípio do prazer e outros textos (1917 – 1920); tradução Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HISTERIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Histeria&oldid=65321972>>. Acesso em: 01/11/2022 22:20.

KIRK, Geoffrey; RAVEN, John; SCHOFIELD, Malcom. **Os Filósofos Pré-socráticos**: História Crítica com Seleção de Textos: As fontes da Filosofia Pré-socrática. Tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca. 7ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

MARGONI, Lucas Fontella **O funcionalismo na filosofia da mente** - Porto Alegre, RS : Editora Fi, 2013.

MENON, Valter. **Filosofia da Mente** [livro eletrônico]. Ed. Intersaberes (série Estudos de Filosofia), 2016.

NASIO, Juan- David. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Trad: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

PLATÃO. **A República**. 2. ed. Trad. Edson Bini. São Paulo: EdIPRO (Clássicos Edipro), 2014.

_____. **Timeu-Crítias**. Trad. Rodolfo Lopes (Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos) Ed. 1ª. Universidade de Coimbra, 2011.

REALE, G. **Corpo, alma e saúde**: o conceito de homem de Homero a Platão. São Paulo: Paulus, 2002.

SOLMS, L. Mark. Os fundamentos neurobiológicos da teoria e terapia psicanalítica. *Frontiers - Neurociência Comportamental*, publicado em 04 dezembro de 2018. <https://doi.org/10.3389/fnbeh.2018.00294>. Acessado em 24 de março de 2022, 10h.

SOLMS, Mark y Turnbull, Oliver **¿Qué es el neuropsicoanálisis?** publicado originalmente como: What is Neuropsychanalysis? s, 13 (2): 133-145. Trad. al

castellano por Christian E. Salas y Rubén Klaver [www.rehabilitacionneuropsicologica.com]. Publicado em 2013. Acessado em: 25 de março de 2022, 14h, em https://www.researchgate.net/publication/241708342_Que_es_el_Neuropsicoanalisis

SOUZA, José Cavalcante de. **Os Pré-socráticos**: Fragmentos, Doxografia e Comentários.(Coleção Os pensadores) Trad: José Cavalcante de Souza, et al. Editora Nova Cultural Ltda., São Paulo, 1996.

SPINOZA, Benedictus. **Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar**. Trad.: Emanuel Angelo da Rocha Fragoso. 1ed; Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017;

_____, **Ética**. Trad: Tomaz Tadeu, 3 ed, 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017;

TEIXEIRA, João de Fernandes. **A mente segundo Dennett**. São Paulo: Perspectiva, 2008.